

SUICIDAS



*Qual é o meu destino?
Existem consequências?
O que me espera do outro lado?*

SUICIDAS

1ª Edição

Sensitiva Editora Ltda.
Rua Artista Puzzi, 200 – Centro
Itápolis – CEP 14900-000
Telefone: (016) 3262-2313
São Paulo – Brasil
editora_sensitiva@terra.com.br

Índices para catálogo sistemático:
Literatura brasileira: Romance: Sobrenatural

Sensitiva Editora, 2013. Itápolis. São Paulo.
Prizmic, Marcelo

ISBN: 978-85-66073-02-7

***Versão Digital Gratuita.
Proibida a reprodução ou
alteração de seu conteúdo.***

Todos os direitos reservados

Dedicatória

A todos meus amigos e familiares que, vencidos pela minha insistência, foram obrigados a ajudar e me aturar durante o processo de amadurecimento desta obra, meus sinceros agradecimentos.

Faço questão de criar esta dedicatória especial, pois tenho consciência do quanto difícil me torno quando escrevo, perturbando a todos que me cercam com perguntas loucas, exigindo opiniões precisas de algo que só eu consigo imaginar e, claro, ocasionando desentendimentos. E o pior: só aceitando críticas que me interessam.

Por ser grande a lista, friso apenas o nome de uma pessoa que sem dúvida foi a que mais sofreu: minha esposa, Denise Regina Brugnolle.

Considerações Iniciais

Apesar do conhecimento público e indiscutível da existência dos fenômenos tratados nesta obra, hoje estudados amplamente pela ciência moderna e por diversos segmentos religiosos e, além de fazer várias menções médicas referente a quadros clínicos mentais, deixo claro que não tive em nenhum momento a intenção de transmitir ao leitor ensinamentos científicos ou religiosos. O livro apresentado não é nenhum “guia fenomênico”. Utilizo a essência e tomo a liberdade de modificá-la ao meu bel-prazer atendendo aos interesses da narrativa.

Em “Suicidas”, a fantasia e a realidade se misturam, fatos verídicos e delírios pessoais compõem o quadro criado no intuito único de entreter.

Deixo ao leitor a tarefa de separá-los.

O autor

Itápolis, 01 de Março de 2010

Explicações necessárias

O presente romance não contém um narrador propriamente dito. O desenrolar dos fatos são contados pelos próprios personagens. Portanto, com exceção de Thomas, todo o restante da obra foi redigido na primeira pessoa.

Esta técnica tem por finalidade intensificar a experiência emocional do leitor, ou seja, permite transmitir na plenitude as emoções vivenciadas por cada personagem e, obviamente, o leitor recebe e sente com a mesma intensidade o que se passa, além de uma fácil visualização do perfil psicológico de cada integrante.

Cabe ao leitor ao iniciar a leitura de um novo bloco de texto, observar o nome existente no canto superior esquerdo, pois este será o narrador do momento.

Índice

Mirela.....7

No País das Maravilhas.....15

Acidente.....21

Perispírito.....35

Vale dos Suicidas.....41

Família.....52

Walter.....65

Ritual.....72

Recomeço.....77

Mirela

Thomas

Eu conhecia Mirela do passado.

Lembro-me bem de sua amizade com minha filha.

Houve época em que tornaram-se “unha e carne” por estudarem na mesma sala de aula no ginásio. Mas, apesar de não ter tido envolvimento significativo com a família, soube da desgraça que os abalou. Visitei-os no intuito de ajudá-los de alguma forma, e infelizmente, este foi o quadro que encontrei:

O velório, com cerca de quarenta pessoas, entre elas amigos e parentes, acabara de pouco.

Acompanhei de perto a família até dentro de sua casa, e uma vez todos reunidos à mesa para o jantar, passei a observar seus semblantes de um dos cantos da espaçosa cozinha:

Qualquer pessoa perceberia que o trágico falecimento do irmão de Mirela pairava sobre o pensamento de todos. A expressão de tristeza e inconformismo era praticamente a mesma em cada face, na exceção de sua mãe, que além da dor sentida, não pode esconder duas lágrimas mornas a pingar na toalha.

Mirela, a filha mais nova, remexia a comida no prato sem vontade, distante, enquanto o pai, absorto em seus próprios pensamentos, esforçava-se por mostrar-se controlado.

Apesar de ser um ato pouco educado, mas necessário ao desejo de ajudar, liguei-me a todos mentalmente, e a Mirela por último buscando informações*.

*buscando informações – Psicometria - Thomas, por ser um espírito livre, liga-se mentalmente a aura física ou espiritual de uma pessoa, e faz, conforme necessidade, uma leitura de impressões, tanto de imagens passadas como de pensamentos presentes.

Nenhum dos presentes podiam imaginar o que se passava em sua mente:

Mirela revia a vela acesa próxima a cama, que esquecera no quarto de bagunças do irmão. Imaginava o vento soprando sobre as cortinas, que após vários movimentos de ida e volta, acabaram por inflamar-se em contato com a pequena chama que mal clareava o ambiente.

Na sua imaginação, construiu uma imagem do fogo espalhando-se rapidamente no local em que seu irmão mais velho dormia. Acreditava que ele nem mesmo acordara intoxicado pela fumaça.

Além do acidente, revia centenas de imagens do passado, tempos felizes no qual brincavam despreocupados trocando confidências.

Lembrava quando um acobertava as traquinagens do outro, estas, imaturas, frutos naturais da tenra idade.

Imagens que serviam neste momento apenas para açoitar de forma indescritível sua alma.

Sua ideia de culpa era devastadora.

Foi a sua vez de não conseguir reprimir as lágrimas, e uma vez à tona, retirou-se de brusco da mesa de refeição sem dizer uma palavra aos demais.

Seus pais apenas a seguiram com o olhar, acompanhando seu andar cansado, subindo as escadas a caminho de seu quarto.

Mirela, em um passado não muito distante, havia experimentado algumas drogas na companhia de amigos.

Mantinha escondida em sua casa uma certa quantidade destes elementos. Como ela mesma dizia sorrindo: “Um pequeno estoque para o meu prazer”. Mas,

neste momento, “prazer” era uma palavra esquecida, distante, vivia somente forte dor.

Sentindo que algo de muito ruim estava para acontecer, vi quando vários espíritos surgiram, rodeando-a, ligando-se a ela mentalmente.

Espíritos familiares e amigos tentavam sugestioná-la a não fazer o que desejava. Ela mostrou-se surda a estes apelos, infelizmente, aceitou a sugestão dos inferiores.

Não pensou duas vezes: Caminhou até a cômoda de seu quarto e arrastou-a aproximadamente vinte centímetros da parede. Moveu um taco do assoalho que funcionava como tampa, para um buraco que ela pacientemente fizera. Retirou de seu interior uma pequena caixinha e, sentando-se ao chão, passou a observar atentamente seu conteúdo.

Queria simplesmente um pouco de paz, esquecer mesmo que fosse por uma fração de segundos a desgraça que caiu-lhe sobre a cabeça.

Sabia que as drogas escondidas representavam uma fuga temporária, mas mesmo assim a desejava.

Não tinha experiência com dosagem, nem espaço em sua mente para analisar os resultados e, sem dúvidas, colocou várias cápsulas e comprimidos na palma de sua mão. Serviu-se de um pouco de água esquecida da noite passada, que ainda se encontrava sobre o criado mudo e engoliu a mistura.

Colocou tudo novamente no seu devido lugar e arrastou a cômoda na posição original.

Deitou-se esperando ansiosa o efeito.

Muito me doeu ver o desenrolar dos fatos: Revivi naquele instante um dos momentos cruciais da vida de minha filha, e ela, a exemplo de Mirela, também negara meu auxílio*

* Auxílio – Sabrina no passado fez exatamente a mesma coisa, motivada pelo sofrimento causado por Samira. - Livro 1 - “Qual o seu medo?”.

Sabrina

Devido ao excesso de serviço cheguei tarde em casa.

– Graças a Deus é sexta-feira. Amanhã estou livre. - pensei comigo, imaginando algo para Rafael e eu fazermos juntos.

Mal tive tempo de descansar alguns pacotes que segurava, quando fui abordada por minha mãe com péssimas notícias:

– Foi bom que chegou querida... Tenho notícias ruins. - falou angustiada.

– O que foi mãe? O que aconteceu? - perguntei já aflita.

– Lembra da Mirela?

– Mirela.. Mirela.. - murmurei buscando lembranças em minha mente. - Não! Que Mirela?

– Aquela sua amiga de escola... que mora no centro da cidade...

Uma vez associando o nome com as informações passadas, lembrei da garota distante.

– Sim. Estudamos no ginásio. O que tem ela?

– Foi tudo de uma vez.. - pausou. - Seu irmão morreu há três dias atrás em um acidente, queimado. Mirela um dia depois tentou suicídio. Os pais estão desesperados, “nas últimas”.

– O que? Como isso aconteceu? Como você ficou sabendo? - falei espantada.

– Não sei! Seu pai encontrou um amigo que mora perto. O amigo sabendo que vocês eram velhas conhecidas, contou-lhe que Mirela tentou suicídio ingerindo várias drogas. Está no hospital em coma desde ontem.

Minha mãe sem dúvida era uma mulher difícil de se lidar. Sempre estressada, cansava a todos que a rodeavam. Mas tinha uma coisa que marcava positivamente seu caráter: O tal do “amor fraterno”. Bastava saber que outras

peessoas, mesmo livre de vínculos familiares estavam passando por dificuldades, sempre assumia as dores alheias como próprias. Sua sensibilidade muitas vezes havia me tocado, e eu, claro, admirava sua forma de ser.

– Obrigada por me contar mãe. Vou esperar as “coisas esfriarem” um pouco e farei uma visita... - falei pensativa. - Onde está papai?

– No serviço. Liguei para falar sobre outras coisas e acabou me contando sobre essa desgraça...

– Entendo... eu vou ver se consigo ajudá-los de alguma forma. Prometo manter a senhora informada. Tudo bem? Agora vou tomar um banho. - finalizei subindo as escadas em direção ao quarto.

Rafael

Estava entretido no meu computador, pesquisando alguns sites de cunho sobrenatural, quando Samantha novamente tirou minha atenção.

Em sua agitada faxina, corria de um lado para o outro com uma vassoura e um balde de água com sabão. Fez com que eu me movesse duas vezes para que pudesse passar o pano úmido no chão.

Próxima a mim perguntou:

– Rafael. Você não acha que está procurando encrenca vindo aqui nos meus aposentos na sexta a noite e sem a Sabrina?

– Porque diz isso? - perguntei confuso. - Você me convidou para fazer esse levantamento. Você sabe que usar meu notebook na rede da clínica é bem mais fácil do que consultar na biblioteca que é longe. Não tenho internet em casa.

– Sim. Eu sei... - pausou. - Mas o ciúmes é um sentimento de difícil controle...

– Ciúmes? Ahh... Você acha Sabrina ciumenta? É isso?
- interrompi. - Não se preocupe. Basta você arranjar um namorado que logo isso se resolve. - sorri, lembrando que ficou com um amigo meu na festa de noivado*. - Falando nisso, e você é o Estênio?

– Você também notou? - perguntou com o rosto levemente róseo.

– E quem não percebeu? - vocês não “desgrudaram” o churrasco inteiro...

– Ei? Também não é assim. Né? - falou contrariada, girando o corpo bruscamente ficando de frente para mim.

Arrepiei quando no seu último movimento, o cabo da vassoura que segurava, passou a poucos centímetros sobre o altar de encantamentos. Ia avisá-la do risco, mas antes mesmo que eu pudesse falar algo, virou-se novamente. O cabo bateu no espelho mágico que veio ao chão.

Pude ouvir o grito de Samantha e o som dos cacos de vidro espalhando-se pela sala.

– Não. Não. Não. Que Droga! O que eu faço agora sem meu espelho mágico? Quando é a próxima lua cheia? Fala, responde! - falou nervosa ajoelhada segurando o espelho quebrado.

– Calma Samantha. Não sei. Deixe-me dar uma olhada na internet.

Samantha levantou-se do chão e ficou atrás de mim olhando para a tela do computador sobre meus ombros.

Enquanto pesquisava, comentei:

– E porque está tão nervosa assim? - Ia dizer mais coisas, mas fui interrompido:

– Porque preciso dele para fazer meus encantamento. Preciso dele para minhas evocações. Preciso dele para falar com Célsius...

Foi minha vez de interrompê-la:

*Noivado – Festa de noivado de Sabrina e Rafael, descrita no livro 2 - “Vampiros Astrais”

– Tá. Já entendi. Tá? Mas não se esqueça que você já anda falando com Thomas sem precisar de nada disso*...

Notei-a pensativa.

– Tem razão. Mas não importa. Sem ele me sinto “nua”. Sabe me dizer quando é a próxima lua cheia? Sabe ou não sabe me dizer? - perguntou novamente sem me dar tempo de responder.

– Serve um eclipse? - falei sem expressão.

– Eclipse? Está falando sério? - perguntou arrancando o notebook de minhas mãos.

Nunca a vira tão feliz.

– Que maravilha... Lua cheia.. e é daqui a duas semanas... Agora eu sei porque ele quebrou. Hora de arranjar um novo e carregá-lo com energias novas... assim como os meus cristais... Magnetizar com energias de um eclipse.. - falou pausadamente, distante.

Tentando fazê-la “voltar para terra”, busquei algumas informações sobre Estênio em antigos pensamentos e comentei:

– Estênio é legal. Conheço-o desde o tempo de infância. Acho que vocês se darão muito bem... - comentei retomando meu notebook.

Falamos um pouco mais sobre Estênio e depois novamente sobre o eclipse, enquanto eu procurava matérias sobre o transe.

Conversava com Samantha com o olhar fixo na tela do computador, e encontrando informações sobre o fenômeno, assim como várias respostas ligadas as nossas dúvidas sobre o assunto, interrompi os anteriores.

*nada disso - Samantha, após auxiliar no resgate de Evelin, passa a ouvir com maior clareza as comunicações espirituais de Thomas. Livro 2 - “Vampiros Astrais”.

– Veja! Samantha. Sua lógica estava certa! - disse apontando para uma matéria sobre sonambulismo*. Será que também funciona com alguém fazendo a Viagem Astral*? - perguntei curioso.

– Hum! Não sei. - murmurou pensativa. - Ambos os fenômenos não deixam de ser uma espécie de transe. Mas quando Sabrina estiver com disponibilidade de tempo, tentaremos um novo “experimento científico”. - falou carregando a voz, esfregando uma mão na outra.

Não aguentando comentei:

– Quer parar? Você está parecendo uma cientista maluca. - falei com bom humor.

Rimos, de nossa própria idiotice.

*Sonambulismo - Segundo algumas crenças, é um estado de emancipação da alma, na qual o homem tem um aumento significativo em suas percepções, mas permanece com toda a sua estrutura motora ativa: Fala, anda, abre portas, etc... O risco de acidente de um Sonâmbulo, baseia-se na mistura das realidades, tanto físicas como astrais, confundindo desta forma seus sentidos.

*Viagem Astral – O mesmo que Projeção Astral, Experiência fora do corpo, etc. Fenômeno no qual a consciência / Espírito de uma pessoa se afasta do corpo físico, possibilitando um intercâmbio entre os dois planos: o Astral / Espiritual e o Plano físico / carnal.

No País das Maravilhas

Sabrina

Tomei meu banho e coloquei roupas leves. Desci em seguida as escadas em direção a cozinha. Meu pai já havia retornado do serviço. Jantei em companhia de ambos.

Conversando um pouco mais sobre o caso de Mirela, verifiquei que meu pai não tinha nenhuma informação adicional sobre o caso.

Depois de ter terminado a refeição, ajudei um pouco na cozinha, mas por falta do que fazer, recolhi-me ao meu quarto bem antes do horário costumeiro.

Deitei na cama pensando em convidar Rafael para me fazer companhia na visita a casa de Mirela, levarmos ao menos uma palavra amiga. Apesar dele não conhecer a família, sua sensibilidade e desejo de ajudar sempre foi de grande valia.

Envolvida neste sentimento de cooperação, achei que deveria buscar do meu modo alguma informação extra sobre o caso. Sabia somente o que meus pais falaram e nada mais.

Refletindo sobre o ocorrido, deduzi que a perda do irmão obviamente influenciou violentamente na decisão de Mirela cometer suicídio e, devida a essa possibilidade, seu psiquismo com certeza também estaria seriamente abalado.

Sabendo que poderia interferir positivamente* ao seu favor, decidi finalmente por projetar-me em seu auxílio.

Não era nem nove horas ainda, cedo demais para o sono natural de Mirela, mas, conforme minha mãe havia dito, estava em estado comatoso. Com certeza entraria em sua mente e, uma vez decidida, assim o fiz.

* positivamente – Sabrina através da viagem astral, integrou-se diversas vezes no astral mental de várias pessoas, inclusive em pacientes e amigas, auxiliando-as na cura. - Livro 1 e 2 - “Qual o seu medo?” e “Vampiros Astrais”.

Desliguei a televisão para o som e a luz não me incomodar. Relaxei um pouco e, depois de uma breve concentração, estava em pé ao lado de meu corpo. Não ouve nem mesmo a necessidade de carregar meus Chakras*.

Pensando em Mirela, entrei sem dificuldades em seu astral mental:

Deparei-me com um quarto mediano, de aspecto velho e pintura desgastada. Tinha como mobília apenas uma cadeira de madeira pesada. Estranhamente, além da janela, o quarto continha três portas, uma em cada parede vazia.

Mirela tentava desesperadamente quebrar a janela, acredito eu, na ideia fixa de abandonar o local onde estava.

Batia ferozmente sobre a vidraça com a única peça ali existente. Percebendo que a ideia de quebrar a janela não surtia o efeito desejado, jogou a cadeira para o lado e caminhou nervosa em direção a uma das portas.

Acompanhei-a de perto entrando logo atrás, antes que a porta fosse fechada.

Assustei-me por me deparar com um quarto como o anterior, mas desta vez enfumaçado. Havia linguetas de fogo no teto e um braseiro fino que caía incessantemente como neve.

Mirela repetiu os mesmos passos da outra sala.

Desistindo de quebrar a janela como outrora o fizera, caminhou em direção a uma outra porta, deparando-se com outro quarto conforme o primeiro.

As vezes, quando se abria uma nova porta, surgia a nossa frente um corredor enorme, contendo inúmeras portas, mas, qualquer uma que ela escolhesse para entrar, acabava sempre em uma sala já conhecida: ou comum, ou queimada.

* Chakras – Pontos de energia existentes em nosso corpo. Uma vez estimulados, funcionam como auxiliares no fenômeno da Viagem Astral – Tema já abordado no livro 2 - "Vampiros Astrais".

Acompanhei por mais algum tempo suas andanças, constatando que encontrava-se em um perfeito labirinto criado por sua mente.

Em certo momento, ouvimos ao longe uma voz masculina pedindo socorro. Serviu somente para acelerar o seu andar, o seu desespero.

No tempo que estive presente, Mirela nunca encontrou a origem da voz. Deduzi ser uma voz criada por ela de seu irmão falecido.

Tentei de várias formas chamar sua atenção, na esperança de promover algum tipo de diálogo esclarecedor, fazendo-a perceber que tudo aquilo não passava de uma ilusão. A ideia se mostrou impossível com o tempo. Até mesmo quando tentei uma investida física, minha mão transpassou seu ombro.

Já cansada deste ambiente de sofrimento enlouquecedor, ciente de minha atual inutilidade, voltei ao meu corpo pensando em visitar Samantha no dia seguinte para pedir explicações sobre o ocorrido e, obviamente, sobre o que fazer.

Após o almoço, passei na clínica na esperança de falar com Samantha. Dei sorte, pois apesar de ser um sábado ensolarado, encontrei-a lendo um livro na varanda da entrada principal.

Depois dos cumprimentos costumeiros, questionar o que estava lendo e, perguntar sobre as novidades, sentei-me ao seu lado.

Contei-lhe sobre o incidente da família de Mirela e sobre o que eu fiz na noite passada, expondo o máximo de detalhes possíveis que eu lembrava.

Quando questionei Samantha sobre o “porque” do labirinto, ela me respondeu:

– Bem. Vamos lá! Temos dois planos: O astral mental que é o “mundo dos sonhos” e o “Plano Espiritual” oficial. Tudo bem?

– Sim.. certo. - falei sem expressão.

– Quando você está em viagem pelo plano espiritual, você se encontra em um ambiente já definido por outros espíritos. Situação idêntica a qual você me contou quando estive no quarto gigante de Evelin*. Lembra?

– Sim. Eu me lembro..

– E quando você criou a imagem da Amazonas, desde as roupas até a espada.*?

– O ambiente já existia porque era criação dos vampiros. Eu apenas entrei “naquele mundo”, mudando um pouco conforme minha necessidade... - respondi pensativa.

– Isso mesmo. Agora, quando estamos mergulhados no astral mental, no “mundo dos sonhos”, este se comporta como uma lousa: Criamos, apagamos ou mudamos de forma consciente ou inconsciente qualquer coisa contida ali. Ele é exclusivamente nosso. - pausou momentaneamente buscando informações e continuou:

– O estado psicológico de Mirela está “um caco”, certo?

– Sim... correto.

– Então ela cria o ambiente conforme sua confusão mental, gerando o que chamamos de fenômeno “Alice no país das maravilhas”.

– Porque recebeu esse nome? - perguntei curiosa, interrompendo-a.

* Evelin / Espada – Sabrina veste-se no astral de Amazonas para enfrentar alguns membros de um grupo espiritual que a ameaça. - Livro 2 - “Vampiros Astrais”.

– Porque é fantasioso. Como o ambiente mental é falso, uma lousa a ser desenhada e, sabemos que sempre atrás de uma porta ou janela existe alguma coisa, se nós não criarmos nada com a nossa lucidez mental, assim que abrimos uma porta ou janela, nossa mente se encarregará de criar algo de forma automática, e daí, só bobagens...

Acredito que devida a expressão de dúvida que se formou em meu rosto, Samantha perguntou:

– Complicou?

– Bastante. - respondi envergonhada.

– Vamos lá! - falou alegremente. - Nosso cérebro pensa assim: É uma porta? É. Então tem que haver alguma coisa atrás dela, concorda?

– Lógico.. - respondi tentando acompanhar.

– Se você abre uma porta no astral mental, sem ter uma ideia formada do que pode ter atrás dela, seu cérebro inventa qualquer coisa. O “show” não pode parar, percebe?

– Pode ter mil coisas atrás da porta, mas eu tenho que ter no mínimo uma opção em mente. Correto? - arrisquei.

– Exato. Se não existir nenhuma opção consciente ou inconsciente, seu cérebro inventa.

– Agora entendi... - falei entusiasmada.

– Um outro exemplo só para elucidar: Se um dia você estiver neste astral mental, neste “mundo de sonhos”, crie uma bicicleta e saia pedalando rapidamente sem destino. Verá que o cenário muda conforme você avança, criando sem parar novos horizontes, novas árvores, novos bosques....

– Nossa! Fico até chateada em responder com um simples “entendi” depois de tanto esforço. Mas resumindo: Se eu não controlo o ambiente dos sonhos de forma racional, meu cérebro de forma automática o faz, e como Mirela está tremendamente confusa e angustiada, seu cérebro tratou de inventar o que poderia representar melhor

seus pensamentos, ou seja, um labirinto sem saída, contendo suas dores.

– Muito bom. Se entendeu já fiquei feliz. Odiaria estar falando com as paredes.

Ambas sorrimos.

– O que podemos fazer para ajudá-la? - perguntei forçando os “finalmentes”.

– Como ela não está acessível a qualquer interferência, não faço a menor ideia. - respondeu sem expressão.

Suspirei.

– Com certeza essa situação vai dar muito trabalho. - pensei alto.

– Tem razão. Mas nada que não possamos superar. Já passamos por situações bem complicadas. Não é mesmo Sabrina? - respondeu confiante.

Concordei com um gesto.

Informando a Samantha que eu ainda tinha muitas coisas a fazer no dia seguinte, resolvemos deixar para nos reunirmos e falarmos no assunto na segunda-feira próxima.

Uma vez decidido o próximo passo, despedi-me efusivamente.

Tinha sem dúvida ali uma grande e valiosa amiga.

Acidente

Samantha

Dentro do horário de almoço, estávamos todos reunidos em nosso “quartel general*”. Após discutirmos o problema de Mirela, chegamos a conclusão que nada poderíamos fazer sem uma gama maior de informações. Eu fui incumbida de consultar o oráculo*, enquanto Rafael e Sabrina decidiram visitar a família da jovem.

Naquela mesma tarde, ambos pediram autorização da diretora para sair. Informando a razão para a diretora, o pedido foi concedido sem dificuldade.

Saíram ainda dentro do expediente.

Depois de algumas horas, e sem mais nada para fazer, caminhei ao encontro de Íris. Olhei para o interior de seu quarto pelo visor de vidro. A situação era a de sempre: Encontrei-a com o olhar preso no infinito.

Não havia ninguém no quarto. Entrei tendo a certeza de que não atrapalharia em nada, assim como nem seria vista.

Pousei minha mão direita sobre o seu Chakra frontal*, e após concentrar e transferir uma boa quantidade de energia, Íris virou sua cabeça para o meu lado e pronunciou de forma pausada as palavras: “irmão” e “engano”.

Sabia que não adiantaria fazer perguntas, deveria apenas ouvir e tentar entender a mensagem passada.

- Obrigado Íris. - Agradei a informação com um sorriso enquanto acariciava seu rosto.

* Quartel General – Expressão dada aos aposentos de Samantha que tornou-se um local de reunião – Livro 2 “Vampiros Astrais”.

* Oráculo – Paciente de nome Íris, interna da ala psiquiátrica, portadora de Esquizofrenia catatonica. – Livro 2 “Vampiros Astrais”.

*Chakra fronta – Chakra localizado na linha das sobrancelhas, entre elas.

Percebendo que voltou para o seu mundo, ajeitei sua cabeça confortavelmente da mesma forma que estava antes.

Rafael

Estávamos a caminho da casa de Mirela. Pela primeira vez Sabrina elogiou o carro comprado*. Disse que apesar de não ser um carro novo, era extremamente silencioso. Orgulhoso, fiz algumas observações sobre reparos e acessórios adquiridos explicando o fato.

Conversando, chegamos em pouco tempo ao centro da cidade.

Perguntei a Sabrina o endereço de sua amiga, e como resposta, disse que não o tinha, mas que forçando um pouco suas lembranças chegaríamos sem dificuldades ao local.

Assim foi feito: Em poucos minutos estacionei o carro próximo a calçada de uma avenida larga, de frente a uma casa simples mas bem cuidada. Destacava-se das demais pelo exuberante jardim. Abri o portão de rua, e Sabrina, em passos lentos, entrou na minha frente até chegar a uma pequena varanda.

Acompanhei-a de perto.

Na porta principal da casa, Sabrina tocou a campainha.

Pouco tempo se passou, até que uma senhora de meia idade nos atendeu graciosamente.

– Pois não. Em que posso ajudá-los? - perguntou curiosa e prestativa.

– Não creio que se lembre de mim. Sou Sabrina e este é o meu noivo Rafael. Estudei com sua filha no ginásio. Se procurar um pouco em suas lembranças, recordará do dia em que quebrei sua vidraça na sala do fundo com uma pedra...

*comprado – Livro 2 - “Vampiros astrais”

– Sem dúvida foi uma bela apresentação. Inconfundível. - pensei irônico.

– Sabrina! Claro que lembro. Como eu poderia esquecer de você... - sorriu. - Nossa menina, como você mudou. - deu uma pausa. - Entrem, por favor.

Após uma série de comentários sobre o passado, sentamos na sala do fundo, na qual Sabrina confessou ter quebrado os vidros.

Não faltou nada nesta conversa inicial, nem mesmo elogios quanto a minha escolha. Disse que tive sorte, que Sabrina tornou-se um belíssima mulher. Concordei com minha sorte e bom gosto.

No momento que Sabrina julgou propício, informou que ficou sabendo dos incidentes que vitimaram seu filho e sua filha e, aprofundando-se no assunto com extrema delicadeza e cautela, soubemos a razão dos mesmos.

A mãe de Mirela fez um grande esforço e contou-nos que a morte de seu filho havia sido causada por um acidente: No início da noite, sua filha ao abandonar um quarto de bagunças no fundo da casa, no qual o irmão mais velho raramente dormia, deixou acesa uma vela próxima a cortina de uma das janelas. Disse acreditar que a ação do vento fez com que a cortina pegasse fogo dando início a um rápido e destruidor incêndio.

Todos na casa acreditavam que seu filho morreu dormindo, envenenado pela fumaça, afinal, não ouviram gritos e nem sequer uma chamada de socorro. Só perceberam o que se passava, quando o som de uma pequena explosão causada por algum produto químico enlatado chamou a atenção. Quando isso aconteceu, o pequeno quarto já estava completamente envolvido pelas chamas.

Ouvimos da boca de sua mãe que Mirela culpou-se pelo acidente e, buscando abrigo nas drogas, o ato impensado levou-a ao coma.

Sensibilizado com a cena formada, abracei-a carinhosamente ouvindo seus soluços.

Sabrina imitou meu gesto, e por palavras, colocamos a inteira disposição da família. A simpática senhora agradeceu-nos de pronto.

Ficamos ainda por mais uma hora conversando, até sentirmos que a mãe de Mirela havia se acalmado.

No dia seguinte, encontramos Samantha no corredor principal e a colocamos ao par do que havia acontecido na casa de Mirela, assim como os fatos envolvendo-a com o acidente de seu irmão. Ela, em contrapartida, também nos informou sobre a conversa que teve com Íris e, as palavras “Irmão” e “engano” não fizeram sentido.

– A qual engano o oráculo se referiu? - perguntei confuso.

Como ninguém tinha a resposta, voltamos a conversar sobre uma forma de ajudar Mirela.

Samantha se manifestou:

– Como eu já disse, de acordo com o estado psicológico de Mirela, fica impossível uma intercessão ao seu favor. Por falta de opções, acho que você poderia tentar contatar seu irmão. Acredito que ele, por ser irmão, tenha mais facilidade em tirar Mirela do estado em que está. - sugeriu Samantha a Sabrina.

– Pode ser... - falei pensativo.

– Sabrina. Você chegou a conhecer o irmão de Mirela? - perguntou Samantha interrompendo-a.

– Não... mas realmente, como farei para contatá-lo se nem ao menos o conheço?

Sem responder diretamente a dúvida de Sabrina, virou-se para mim e pediu:

– Rafael. Vá até a biblioteca municipal e tire uma cópia da matéria que saiu no jornal sobre o acidente, vamos ver se tem mais alguma informação auxiliar. Se tiver uma foto do rapaz ótimo, se não tiver, veja se consegue em um outro lugar qualquer. Sabrina irá ligar-se a ele através de uma foto.

Sabrina assustou-se:

– O que? Me ligar a ele através de uma foto? Endoidou? - perguntou Sabrina com uma gigantesca interrogação na cabeça.

Sorri com o jeito das duas.

Sabrina continuou:

– Samantha. Como uma simples imagem, fria, se torna suficiente para criar um elo mental?

– Também não sei. Não entendi até hoje como isso funciona, mas sei que funciona...

– Será que é igual ao Vodou? Que funciona com um bonequinho? - perguntei.

– Não. Na verdade no Vodou o boneco serve apenas como “reforço” na ligação mental entre o feiticeiro e a vítima. Sem conhecer a pessoa realmente não dá.

– E com a foto? - cobrei a dúvida de Sabrina.

– Não sei. Talvez algum espírito amigo se encarregue de fazer a ligação? Quem sabe? A experiência responderá essa questão. - falou com “ar” de intelectual.

Como estávamos no horário de expediente, com muitas coisas por ainda fazer, nos despedimos seguindo cada um em uma direção. Não passando nem cinco segundos após nos despedirmos, Samantha nos chamou de novo:

– ahn! Esqueci. - falou animada. - Tem uma coisa que eu gostaria de testar com você... - apontando para Sabrina.

– Testar? Comigo?

– Sim. Será que vocês dois poderiam me dar o prazer de uma visita rápida mais a noitinha?

– Sim. Claro que sim. O que pretende? - respondi positivamente, obtendo uma confirmação por gestos de Sabrina.

– Depois eu conto. - falou virando-se apressadamente de costas para nós e saindo. Não deu tempo nem para insistir na resposta.

Samantha

Reunidos naquela mesma noite, coloquei Sabrina e Rafael a par da ideia que tive:

– Como eu apenas escuto espíritos, achei que eu podia ser mais útil a Sabrina estando de alguma forma em seu “campo de batalha”*.

Rafael em certo momento interrompeu-me, perguntando se Sabrina fora do corpo não se portava da mesma forma que um espírito qualquer, podendo ser ouvida por mim do mesmo jeito.

Respondi que por lógica isso deveria funcionar, mas como até agora isso nunca aconteceu, resolvi me utilizar de outros métodos.

Expliquei que na maioria dos fenômenos “sobrenaturais”, o transe* é uma situação padrão. Quando um sensitivo ou um médium empresta seu corpo para um espírito se comunicar, precisa estar em transe para que o fenômeno ocorra, assim também como no sonambulismo, no qual o transe é uma variante do próprio estado de sono.

* campo de batalha – Plano espiritual ou plano astral mental.

* Transe – Situação fisiológica na qual o sensitivo estreita seus laços espirituais / mentais com o plano astral. Permitindo vários tipos de comunicações.

Nos dois casos citados, o espírito comunicante usa o aparelho fonético para se manifestar, e a principal diferença entre eles, é que no primeiro o espírito manifestante é de um terceiro*, já no sonambulismo, o espírito que se manifesta é do próprio sensitivo ou médium*.

– Como assim? O espírito do próprio sensitivo? Se já é ele, não entendo porque isso é tratado como fenômeno.

– Você não está entendendo Rafael. Veja: No sonambulismo, não raro, a pessoa que está neste estado fala coisas que em seu estado natural não deveria conhecer, fala sobre lugares que nunca foi, fala em língua que nunca aprendeu*, etc... A razão de ser tratado como fenômeno está relacionado ao desligamento parcial do espírito, na liberdade espiritual do momento. Quando um espírito está afastado do seu corpo físico, sua mente se expande*. Uma vez livre da matéria, este manifesta-se como um espírito livre. Entendeu?

– Não*. - respondeu Rafael sucinto.

– Sabrina? E você?

– Mais ou menos. Mas o que pretende afinal? Dá para falar na “nossa língua”? - perguntou Sabrina.

* Terceiro – Refere-se a vários tipos de manifestações. Entre elas as mais conhecidas é a Psicofonia ou Incorporação, comuns em vários segmentos religiosos. Sua maior difusão no Brasil, encontra-se nas religiões Afro-brasileiras e espíritas. O sensitivo empresta seu corpo para a comunicação de uma outra inteligência. O assunto será melhor abordado no futuro.

* Próprio sensitivo ou médium – Refere-se a manifestações no qual o próprio espírito, uma vez “livre” do corpo material, expressa de forma ampla seus conhecimentos, bagagem esta, adquirida através de sucessivas encarnações. O fenômeno é normalmente encontrado no sonambulismo, e este, levou Samantha a ter a ideia aqui mencionada. - O assunto será melhor abordado no futuro.

*Aprendeu – Xenoglossia: Capacidade de falar em transe línguas desconhecidas, inclusive línguas mortas.

*Expande – Samira apresentou o fenômeno apontado. Sabrina notou-a melhor em diversos aspectos, principalmente na linguagem normalmente utilizada por Samira em estado de vigília. Vide livro 1 - “Qual o seu medo?”

* Não - Como já foi dito, o assunto será melhor abordado no futuro.

– Quero saber se há a possibilidade de você em transe, uma vez desligada do corpo, falar o que se passa em tempo real... Melhorou?

– Pronto. Agora querem que eu vire “telefone sem fio”. Como pretende fazer essa “proeza”? - comentou Sabrina bem humorada.

– Nada de mais. Sente-se na poltrona que eu lhe direi.

Sabrina fez conforme solicitado e, uma vez acomodada, pedi para que saísse de seu corpo.

Como ela não mais se moveu, deduzi já estar no astral.

– Sabrina. Sei que me ouve. Acredito que seja difícil para você mover seus lábios estando fora de seu organismo, mas tente, sem pressa.

Alguns segundos se passaram e Sabrina retornou ao corpo.

– Porque voltou? - perguntei confusa.

– Eu te ouvi e fiz o que pediu. Mas quando eu tentei mover meus lábios fui jogada de volta...

– Hum... Quando tentou mover seus lábios você atraiu-se para seu corpo, e lógico, retornou. - pensei alto enquanto colocava as ideias no lugar.

– Sim.

– Ainda acho que isso é puro exercício. Podemos tentar de novo?

– Claro. - respondeu Sabrina.

Repetimos várias e várias vezes o experimento, até que já cansados e, prontos para desistir, Sabrina moveu os lábios e disse com voz gutural a palavra “teimosa”.

Pulei umas dez vezes sobre o tapete da sala de alegria, para espanto de Rafael que até então só observava.

– Sabrina venha comigo. - chamei-a em espírito para próximo de um livro aberto previamente preparado. Aponte com o dedo indicador para várias palavras em letras “garrafais”. E pedi para que tentasse ler.

Sucesso absoluto.

Apesar da voz gutural, tive a plena convicção que ela estava ao meu lado em espírito, comandando o seu aparelho fonético à distância.

Retornado ao corpo, concordou comigo. Disse que mediante novas tentativas, sua boca atendia melhor sua vontade.

Disse também que não sabia quem era a mais louca, eu, pelas minhas ideias bizarras, ou ela, por aceitar meus experimentos.

Prometi, para poupar-lhe esforços, que quando ela estivesse em trabalho no astral, tentaria prestar mais atenção nela, na sua essência, na tentativa de criar um vínculo e ouvi-la de forma direta sem necessidade destes paliativos.

Cansados, Sabrina e Rafael se despediram indo em direção as suas casas.

Rafael

Voltando para casa, deitei em minha cama ainda pensando no que havia acontecido a pouco nos aposentos de Samantha. Apesar de as vezes referir-me a ela como maluca, tinha certeza, que tanto Sabrina como Samantha, não levavam a sério meus comentários. Elas sabiam que eu falava dessa forma apenas por falar, por brincadeira.

Na realidade, sou obrigado a reconhecer que de maluca ela não tem nada, ao contrário, admirava-a de forma incondicional, tanto seu conhecimento profundo no assunto, assim como seu modo de pensar e agir.

Seu perfil culto e adolescente, tornava-a uma mulher divertida e sem dúvida interessante.

Durante estas divagações, lembrei que Samantha e Estênio não se separaram um minuto na minha festa de noivado, e que, analisando minhas lembranças, posso dizer

que até mesmo formavam um belo casal. Por conhecer Estênio de um longo tempo, sabia ser uma pessoa boa, de confiança e de bons costumes.

– Espero que Estênio e ela se entendam. - falei em voz alta sem esperar resposta.

Voltei a pensar no sucesso de Sabrina em transmitir em tempo real o que se passava afastada do corpo e, chateado por até agora eu não conseguir nenhum avanço nesta área, resolvi tentar novamente: Espalhei-me na cama e passei a executar a técnica para relaxamento* ensinada por Samantha: Imaginei uma pena no meu quadro mental, inicialmente parada. Conforme eu soltava o ar dos meus pulmões, a imaginava caindo, relaxando meu corpo junto com a sua queda. Novamente enchi meus pulmões, imaginando a imagem da pena parada, reiniciando o processo. Soltei o ar novamente enquanto a imaginava caindo.

Fiz o exercício da “pena” diversas vezes, até que senti meus braços e pernas formigarem levemente. Fiquei feliz, afinal sempre dormia antes de chegar neste ponto. Nunca havia sentido isso antes.

Deduzindo estar no máximo do relaxamento que poderia conseguir, iniciei o processo de carregamento dos Chakras*.

Assim o fiz por quase meia-hora, mas cansado e extremamente relaxado, novamente e infelizmente, peguei no sono.

* relaxamento / Chakras – Essa e outras técnicas de relaxamento, assim como todo o preparo necessário para executar-se a viagem astral, foram explanadas no livro 2 - “Vampiros Astrais”.

Na manhã seguinte fui até a biblioteca conforme combinado. Uma vez em sua recepção, perguntei a uma funcionária onde poderia encontrar os últimos exemplares dos jornais da cidade. Apontou-me um corredor feito de prateleiras, dizendo que os encontraria no fim dele sobre uma mesa. Encontrando-a, acomodei-me em uma cadeira plástica e suspirei: Devido ao uso desorganizado por outras pessoas, os jornais estavam revirados, fui obrigado a separá-los por nome e depois por edição, isso, se eu quisesse fazer uma pesquisa em ordem cronológica.

Uma vez em ordem, selecionei uma das pilhas e passei a folheá-los um a um.

No prazo de meia hora encontrei o que viera procurar: Tive sorte, pois a matéria, além de conter o relato dos familiares, continha também uma foto recente de Walter, irmão de Mirela.

Voltei ao salão principal da biblioteca pensando em perguntar a recepcionista onde eu poderia tirar cópia do jornal, mas não foi necessário, avistei uma placa informativa logo a minha frente.

Dirigindo-me até lá, fiz o que devia fazer e retornei a clínica.

Encontrando novamente Sabrina e Samantha em um dos corredores falando sem parar, comentei:

– Vocês duas parecem comadres. Daqui a pouco a diretora vai começar a pegar no pé...

– Estamos na hora do café seu bobo. Fazemos o que queremos neste horário ok? - respondeu Samantha alegre.

– E sobre o que vocês estão falando? Só bobagens né?

Sabrina interferiu:

– Você acredita que o Estênio tem namorada e essa maluca ainda insiste em “dar em cima” dele?

– Não sou perfeita como você. Tá? Soube que as coisas não andam nada bem por lá. Quem sabe se já não chegou a hora de se separaram mesmo.. - tentou defender-se.

Sabrina com ar de inconformada não aguentou:

– E mesmo você sabendo disso, ao invés de ajudar o casal vai “botar mais lenha na fogueira”?

– Não sou “cupido” para aproximar ninguém. De repente ele é o meu “príncipe encantado” e não o dela. Fora isso: Quem gosta cuida. Não é mesmo?

Samantha apenas balançou a cabeça negativamente. Não disse mais nada.

Aproveitando o silêncio momentâneo, abri minha pasta e retirei duas cópias do jornal que tirei na biblioteca entregando-a uma para Samantha e a outra para Sabrina.

Samantha analisou, leu um pouco da matéria e soltou um simples: “Muito bom”Depois perguntou:

– Vocês tem algum compromisso para hoje a noite?

– Você sabe que nossa prioridade é ajudar Mirela. - respondi.

– Ok! Neste caso aguardarei por vocês...

Antes dela voltar ao seu serviço, perguntei algo que me incomodava:

– Samantha! Ontem a noite eu tentei novamente fazer a viagem estral do jeito que nos ensinou. Consegui passar pela fase do relaxamento sem dormir, aliás, aconteceu algo engraçado, senti meus braços e pernas formigarem. É normal?

– Sim. É esse o ponto máximo do relaxamento. A sensação é causada por estar-se iniciando o afastamento da nossa consciência, ou seja, nosso espírito está deixando de controlar integralmente nosso corpo. Depois disso é só

carregar os Chakras para ajudá-lo a se afastar. As vezes pode acontecer de sairmos sem ter que carregá-los, que é o que acontece no caso de Sabrina. Acredito que no caso dela, por exercício constante, os Chakras já estejam “tonificados”. Sei lá! - sorriu.

Sabrina ouviu mas não fez nenhum comentário.

– Pois é. E é essa a questão: Fiz por mais de meia hora o carregamento dos Chakras e nada. Lógico acabei dormindo...

– Não se preocupe Rafael. Sabrina não falou que a cada nova saída para o astral, parece que a próxima sempre fica mais fácil?

– Sim.

– Isso é puro exercício. Mas te aviso para que não se canse a toa. O tempo normal para a saída é de quinze minutos depois de iniciar a carga dos Chakras. Se não conseguir, pare, deixe para outro dia. Uma hora você consegue.

Agradei a explicação e o conselho.

Samantha piscou rapidamente os olhos enquanto agitava freneticamente seus dedos em um sinal de “bye”. Lembrou-me de imediato a personagem Emília, a “boneca de pano”, contida nas obras do escritor brasileiro Monteiro Lobato*. Depois de seu “showzinho”, voltou ao serviço.

– Sabrina. Você notou que Samantha está mais infantil do que de costume?

Sabrina deu uma sonora gargalhada:

* Monteiro Lobato – Nascido em Taubaté no dia 18 de abril de 1882 e falecido em São Paulo no dia 4 de julho de 1948. Foi um dos mais influentes escritores do século XX. Destacou-se como criador da coleção “Sítio do Pica-pau Amarelo”, obra de cunho infantil, composto por 23 livros em 24 volumes.

– Você também reparou? Eu também. Acho que Estênio tem alguma coisa a ver com isso... - pausou. - Ela deve estar “amando”... - falou com ironia mas sem maldade, frisando a última palavra. - Depois dos fenômenos, ela não fala em outra coisa.

Perispírito

Sabrina

Já a noitinha, acomodada na poltrona de Samantha, abandonei meu corpo. Ela deixou propositalmente a imagem de Walter colada sobre um quadro qualquer e, já no astral seguindo suas instruções, parei de frente ao referido quadro.

Samantha disse que eu deveria desconsiderar tudo que havia ao redor, deixar no meu campo de visão somente a imagem do quadro contendo Walter. Disse que se eu assim procedesse, minha mente analisando a imagem, a julgaria como sendo o único ambiente existente.

Entendendo a ideia, suspirei.

Avancei lentamente em direção ao quadro.

A menos de trinta centímetros parei e fiz o que Samantha disse:

Observei bem de perto, e lentamente, fui esquecendo tudo que me cercava, visualizando somente Walter dentro de um ambiente rural. Aproximei-me mais, entrando literalmente no quadro.

Samantha explicou-me antes de iniciar o processo, que a técnica da foto esbarrava no fenômeno “Alice no país das maravilhas” já mencionado, mas desta vez, usando o “desajuste” ao nosso favor:

Utilizando um quadro qualquer de paisagem por exemplo, o “viajante do astral” entra na imagem através da criação automática de seu cérebro, ou seja, seu cérebro considera a imagem verdadeira e a encorpora. O “viajante” como resultado, terá horas de prazer dentro das obras de grandes pintores.

Utilizando a foto de alguém já falecido, acreditava ela que um elo mental se criaria automaticamente. Disse também que nunca entendera realmente a lógica deste fenômeno, na criação deste elo mental.

Não sabendo como, realmente deu certo:

Inicialmente vi-me ao lado da carroça que existia na pintura, toquei-a com a ponta dos dedos e, apesar de estranho, me parecia bem real. Walter, estático como um manequim de loja, estava sentado em um tronco de madeira próximo.

Não sabendo o que fazer, aproximei-me pensando em também tocá-lo. Não foi necessário, bastou um simples olhar para dentro de seus olhos para ser transferida de cenário:

Estava neste instante de frente a um túmulo.

Em sua lápide, lia-se perfeitamente as inscrições contendo o nome e a foto do irmão de Mirela, assim como uma frase de dedicatória da família.

Na esperança de deixar ao par, tanto Samantha quanto Rafael sobre o que ocorria comigo, tentava a todo instante mover meus lábios físicos, repassando meus pensamentos. Não sabia se realmente estava ou não funcionando, afinal, encontrava-me longe para verificar os resultados. Evitava pensar no meu corpo para não ser arrastada de volta.

Uma fraca luz pairava sobre o túmulo.

Prestando a devida atenção na luz, esta intensificou-se, tirando meus pensamentos de Samantha e Rafael.

Era uma esfera luminosa, disforme, talvez um pouco maior que uma bola de basquete.

Aproximei-me curiosa cada vez mais, e em comparativo com a experiência do quadro, entrei em seu espaço, em seu interior.

Walter, ali dentro, encontrava-se dentro de “seu mundo”.

A ilusão criada dentro da esfera, representava um quarto pequeno, cheio de tranqueiras e mobílias velhas. Vi que Mirela lia um livro e que Walter cochilava ao seu lado. De súbito Mirela fechou o livro, guardou-o debaixo da cama e levantou-se abandonando o pequeno cômodo.

Pensei que Walter realmente cochilava, mas me enganei, apenas descansava de olhos fechados ao lado de Mirela.

Percebendo que sua irmã havia saído, pegou uma foto escondida sob o travesseiro e sentou-se na beirada da cama contemplando-a.

Várias lágrimas brotaram de seus olhos.

Após observar a foto atentamente por um tempo indefinido, olhou pela janela para verificar se estava realmente só. Tento a certeza de que ninguém o perturbaria, abriu o criado mudo e retirou de seu interior uma navalha.

Em golpes rápidos cortou seus pulsos sob contidos gemidos, deitou-se de braços abertos e aguardou seu desfalecimento. Neste movimento, descansou seu braço esquerdo sobre um dos criados mudo.

Quando suas forças o abandonaram, desmaiou derrubando a vela acesa sobre o tapete.

Em poucos segundos a “bola de basquete” estava completamente envolvida em fogo espectral, obrigando-me a sair daquela realidade, a me afastar.

Apesar do funesto incidente, ficou clara a inocência de Mirela. Seu irmão quando envolvido pelas chamas, já estava praticamente morto. Agora consegui entender a mensagem do oráculo, utilizando as palavras “Irmão” e “engano”. Íris sabia desde o começo sobre o mal entendido.

A “bola de basquete” desapareceu como por encanto e, em seu lugar, sobrou somente a imagem de Walter flutuando no ar.

Ele em pleno terror, olhava estático para os seus pulsos, acredito eu, em total arrependimento. De súbito, foi sugado para o interior de sua cova.

Tudo ficou em silêncio por um pequeno espaço de tempo.

Tentando ver ou ouvir algo, curiosa, aproximei-me do túmulo. Arrependi-me de ter me aproximado tanto.

Ouvi vários gritos enlouquecidos, ensurdecedores, que dali partiram e me assustaram de forma considerável. Senti serem de dor, tanto física quanto emocional.

Por estar presenciando um fato inédito, minha curiosidade superou o medo e aproximei-me novamente além dos limites do túmulo, permitindo uma visão do corpo dentro do caixão em pleno estado de putrefação.

O espírito de Walter estava preso ao corpo físico por uma infinidade de fios, tremia, gemia e gritava. Via-o como uma energia ocupando o mesmo espaço do corpo.

Através da empatia* ativada, percebi que ele sentia todo o processo de apodrecimento, desde a umidade, o frio cortante e até mesmo os vermes atravessando sua carne.

Senti um leve toque neste instante, mas por sentir boas vibrações não me assustei.

– É uma pena que seja obrigada a assistir cenas horrendas como essa. - disse Thomas ainda com a mão em meu ombro.

Depois dele me afastar consideravelmente do túmulo, perguntei:

– Porque ele está preso ao corpo Thomas?

– Lembra o que Samantha te explicou sobre energia vital, como sendo a eletricidade em nossos corpos, comparado a uma bateria*?

– Sim. Falava sobre o que Íris havia dito. Se referindo a necessidade de alimentação dos vampiros...

– Exato. A energia vital é a energia que mantém os organismos vivos. O que acontece quando envelhecemos?

– Nossa energia vital diminuiu até acabar? - arrisquei.

* empatia – Capacidade de sentir as emoções e pensamentos de terceiros. - Já abordado no Livro 2 – Vampiros Astrais.

* bateria – Assunto já abordado no Livro 2 – Vampiros Astrais.

– Sim. E claro, uma vez falida, nosso perispírito se desligada facilmente do corpo, nos proporcionando uma morte calma e natural.

– Devo deduzir que Walter não se desligou do corpo, porque sua carga de energia vital esta alta?

– Você é uma excelente aluna Sabrina. É exatamente isso. A energia vital é que mantem nossos laços perispirituais fixos ao corpo físico, e Walter, na condição de suicida, não consegue desligar-se, estando condenado a sofrer esta situação até que suas energias se dissipem naturalmente.

– Para que essa energia se dissipe... Demora? - perguntei conhecedora do martírio que Walter sofria.

– É relativamente rápido, pois o corpo não mais se alimentando, nem fisicamente como energeticamente esgota. Mas, dependendo da crise emocional do suicida, esse tempo pode representar séculos.

– Mas porque ele sai do corpo e volta?

– Porque este movimento está vinculado aos ciclos do sono, abandonando e voltando ao seu corpo conforme hábitos naturais adquiridos. Nos horários de acordar, ele volta ao corpo, no de dormir, sai. - respondeu Thomas sucinto.

– Entendi. Infelizmente ele não encontra paz em nenhum dos dois estados. Ambos “minados” pelo ato do suicídio. De um lado fisicamente, devido ao excesso de energias sentindo sua própria putrefação. Do outro, pelo trauma psicológico no qual revive ininterruptamente sua morte.

la fazer uma nova pergunta quando ouvi uma turba barulhenta aproximando-se. Thomas tocou-me no ombro novamente e, neste instante, fomos projetados sobre o telhado de uma pequena capela existente dentro do cemitério.

SUICIDAS

Marcelo Prizmic

- Como fez isso? - perguntei atônita.
- Depois te explico. Agora apenas observe:

Vale dos Suicidas

Sabrina

Vários espíritos trabalhadores adentraram naquele instante a necrópole.

Formavam vários grupos, mas todos distintos: Cinco a seis homens na frente caminhavam em passos rápidos, pareceram-me ser os coordenadores. Um outro grupo, com cerca de quarenta homens, mantinham-se em formação circular logo atrás, e vários outros grupos pequenos, compostos por três ou quatro pessoas, moviam-se rapidamente entre os túmulos, parando momentaneamente ora sobre um, ora sobre outro, retirando de seu interior os espíritos que ainda os ocupavam. Uma vez retirados, colocavam-nos dentro do círculo maior mantendo-os presos.

– Quem são esses espíritos retirados dos túmulos? Quero dizer, porque tantos espíritos? Não deveriam ter seguido seus caminhos? O que ainda fazem aqui?

– São todos suicidas.

Assustei-me com a resposta e, por não entender a lógica, tentei tirar minha dúvida:

– Todos? Tivemos no máximo três casos de suicídio no último ano. Conforme pude constatar, os trabalhadores espirituais só nesta visita, já recolheram mais de vinte. Não estou entendendo...

– Sabrina. Não é somente um suicida aquele que tira sua vida de forma brusca. Alcoólatras, fumantes, desregrados em geral, todos se enquadram nesta classe. Todos abreviaram suas vidas devido ao mau uso ou envenenamento de seus corpos.

Não houve necessidade de maiores explicações, a lógica aplicada na explanação de Thomas foi perfeita.

Passei novamente a observar.

Apesar da quantidade de pessoas, tanto trabalhadores quanto socorridos, o trabalho foi rápido.

Da mesma forma que chegaram desapareceram, levando consigo cerca de trinta ou quarenta espíritos suicidas.

De onde eu estava, não foi possível ver se Walter foi recolhido ou não. Formulei uma pergunta sobre o seu paradeiro:

– Walter também foi recolhido?

– Foi. Mas por uma questão de merecimento.

– Pode explicar. Como assim “merecimento”? - perguntei confusa.

– Nada é regra absoluta. Há espíritos que apesar de manterem seus vícios tem um bom padrão vibratório e, desta forma, permite o socorro de amigos espirituais. Estes, desligam o perispírito do corpo carnal evitando as dores que você presenciou com Walter. Como pode perceber, o merecimento o merecimento nada mais é do que um efeito.

– Uma pessoa boa, padrão alto, melhor assistência. - falei pausadamente. – Walter por encontrar-se em crise, encontra-se com seu padrão vibratório baixo, não tendo como receber neste instante a ajuda necessária. - deduzi – Não entendi. Ele foi ajudado ou não?

– Sim. Foi. No caso de Walter, apesar da crise e da péssima escolha que fez, mas por ser um espírito bom, teve a seu favor o socorro desejado desligando-o do corpo físico. Mas sua crise ainda é violenta e ele terá que vencê-la a seu tempo.

Eu ia perguntar mais alguma coisa, mas Thomas interrompeu meus pensamentos. Perguntou se eu queria conhecer o local para onde estes espíritos eram levados e, desejosa por novos conhecimentos, aceitei o convite de pronto.

Tocou-me suavemente nos ombros com a ponta dos dedos como já havia feito antes e explicou:

– Tocando-a ligo-me a você e, quando me transfiro para outro ambiente levo-a junto. Entendeu?

– Sim.

Mal acabei de concordar com a explicação e já notei que o cenário havia mudado bruscamente.

Encontrava-me agora em um lugar sombrio. Seu céu encontrava-se saturado por nuvens negras. Conseguia observar naquele céu dantesco, no máximo pequenas descargas elétricas que serviam para iluminar pessimamente o ambiente.

Durante esses lampejos, eu podia ver o movimento de vários espíritos caminhando ou arrastando-se de um lado para o outro.

Apesar de estar em um ambiente espiritual, avistei várias construções, que além de horrendas, mórbidas, eram disformes. Criações que no mínimo, eram frutos de algum engenheiro insano.

Minha atenção foi interrompida por algo que iluminou-se ao longe: era um vulto iluminado. Pensei tratar-se inicialmente de algum espírito superior, mas conforme aproximava-se rapidamente, pude constatar ser um homem que ardia em chamas. Gritava desesperadamente. Passou correndo a pouco metros de nós. Não fiz nenhuma pergunta, afinal sabia que aquele espírito revivia seus últimos momentos.

O meu medo natural era amenizado pela presença de Thomas. Sentia-me segura ao seu lado. Este nada dizia, somente observava, assim como eu.

Sentia que meu pés afundavam lentamente, sem parar, em uma lama viscosa e escorregadia. Fui obrigada a concentrar-me para manter meu corpo poucos centímetros acima do solo.

O ar era pesado, fétido. Naquele instante, por falta de opção, tapei o nariz para amenizar o mal cheiro.

Girei minha cabeça procurando por algo novo e, atrás de nós, encontrei uma formação rochosa gigantesca. Composta por pedras escuras, que lembravam o minério de ferro bruto por sua cor, confundia-se com toda a extensão do cenário.

Forçando a visão, notei a existência de várias aberturas, parecidas com entradas e estas, abrigavam espíritos disformes. Incomodada com o brilho de alguns olhos curiosos, voltei a olhar para frente.

– Thomas. Porque este lugar tem esse aspecto?

De pronto respondeu:

– Me disseram que no início aqui era um belíssimo vale verdejante, contendo um esplendoroso céu azul, lagos e rios. Foi criado como primeiro passo auxiliador para a recuperação de suicidas, nos quais seriam transferidos após uma certa melhora. O aspecto do lugar foi mudando gradativamente, assimilando as emanções mentais de seus ocupantes. Tornou-se com o tempo o que vê.

– Como assim assimilando?

– Você não pode criar roupas? Espadas? Um mundo particular? Enfim, o que desejar neste ambiente? - comentou na tentativa de elucidar a explicação.

– Sim. Posso... - respondi lembrando de várias situações que isso já havia ocorrido.

– Aqui eles fazem a mesma coisa, mas não criam de forma consciente. Influenciam o ambiente com suas impressões mentais negativas. Isso que vê a sua volta é apenas o resultado final...

- Entendi. Eles ficam sozinhos aqui?

- Não. Percebe aquelas tendas?- disse apontando para uma certa direção. - É uma das equipes espirituais que administram o local...

Comecei a tossir, interrompendo a explicação de Thomas. Meu pulmão exigia ar limpo.

Acredito que o som de minha tosse despertou a atenção de algo. Senti próximo a nós, entre algumas pedras ali dispostas uma presença e, entre novos lampejos espectrais, pude contemplar um corpo desfigurado:

Amarrada em uma de suas pernas, levava com ele uma grande pedra retangular. Arrastava-se lentamente, levantando com o auxílio de uma das mãos sua própria cabeça pendida ao tórax. Assim o fazia para poder enxergar seu caminho.

Obviamente seu pescoço estava quebrado.

Observando com mais atenção, notei que em sua mão esquerda mantinha segura uma corda fina.

Thomas tirou-me de minhas observações dizendo:

- Enforcou-se e, pelo visto, tomou precauções para que o suicídio tivesse êxito.

O suicida ergueu sua mão com a cordinha em minha direção, como se a pedir ajuda, e de súbito, emitiu um grito inumano de socorro.

Foi demais para mim. Assustei-me violentamente, forçando a volta imediata ao corpo.

Retornei aspirando a maior quantidade possível de ar que encontrei.

- Você ficou quase duas horas fora de seu corpo Sabrina. Estávamos mortos de preocupação... O que aconteceu? - perguntou Rafael aflito me abraçando. - Você está bem?

Samantha

Sabrina contou-nos em detalhes tudo que vivenciou no extra físico. Reconheci o local no qual a equipe de socorro transferia os espíritos suicidas como sendo o “vale dos

suicidas”, local conhecido por alguns segmentos religiosos espiritualistas.

Enquanto ela falava, para espanto de Rafael, pensava na complicada e delicada situação que se formou:

O plano inicial foi por “água abaixo”, afinal, Walter não morreu dormindo em um acidente como inicialmente pensávamos. Ou seja, de um lado temos Mirela que se culpa pela morte do irmão e que já se mostrou insensível as investidas de Sabrina, de outro, o próprio Walter, que como suicida encontra-se preso as suas dores no vale dos suicidas ou ainda em seu túmulo, vivenciando seus últimos momentos.

No que diz respeito a “ser tocado”, no meu entender, a situação de Walter era bem pior do que a de Mirela, mas não podíamos ficar de braços cruzados aguardando o desfecho natural das coisas.

Walter se recuperaria, claro, mas poderia demorar anos. Sua irmã com certeza não suportaria todo esse tempo.

No final das explicações de Sabrina, passei a ambos o que acabei de pensar e, por falta de opção, concordamos em tentar um contato com o irmão suicida.

Neste instante o telefone recentemente instalado nos meus aposentos tocou, Rafael atendeu informando ser Estênio a minha procura.

Atendi o telefone.

Após quase quinze minutos de conversa animada desliguei.

Rafael cobrou-me o resultado da conversa com um simples “E aí?”.

– Falou que pensou muito em mim. Que qualquer dia desses marcaríamos um jantar. Disse também que chegou em casa agora, que estava cansado e que iria para o banho. Depois ligaria novamente para conversarmos um pouco

mais.... Ahhh! Sabrina, se eu tivesse seu “dom” neste momento. - Suspirei, animada e sonhadora.

Rafael entendendo minhas intenções, caso tivesse o “dom”, e sabedor desta possibilidade, olhou fixamente para Sabrina com uma expressão interrogativa.

Pude até adivinhar o que pensara: “- Será que Sabrina já fez isso comigo?” - sorri marotamente.

O rosto de Sabrina avermelhara, ou por já ter feito, ou pela possibilidade de fazê-lo, deduzi.

Para mudar de assunto, fui até a cozinha e voltei com um saquinho de sal, um limão e uma faca. Rafael de longe, vendo os ingredientes perguntou:

– Vai fazer uma caipirinha? A essa hora?

– Isso não é açúcar, é sal. E também não tenho nada de álcool em casa... - respondi com bom humor. - Na realidade semana que vem já é o eclipse esperado. Esqueceu? Vou preparar o material para o grande dia.

Ajeitei o limão sobre um pedaço de madeira que utilizo para este fim e o parti em metades, espremi todo o suco em uma pequena cumbuca. Adicionei o sal e misturei com minha varinha mágica. Abri um embrulho contente o espelho já consertado e, com o auxílio de um algodão, untei-o com a mistura. Deixei-o sobre o altar para que secasse.

Rafael e Sabrina nada diziam, apenas acompanhavam atentos meu movimentos. Certo momento expliquei:

– O que vocês estão me vendo preparar, é uma prática irlandesa muito utilizada pelos camponeses. Depois do espelho ser untado com sal e limão, o levarei para ser magnetizado pela lua cheia.

– Vai levar ele onde? - perguntou Sabrina curiosa.

– Para uma mata. Uma que eu conheço aqui perto. Tem clareira...

Sabrina ficou em silêncio por alguns momentos. Finalmente perguntou:

- Quando você for... posso ir com você?
- Claro que sim. Eu ficarei muito feliz em ter sua companhia.

Sabrina

O dia seguinte transcorreu sem novidades, foi até mais calmo do que de costume. Neste dia, até mesmo os problemas rotineiros de uma clínica sumiram por encanto. Infelizmente, o tempo pareceu ter parado.

Passei sem necessidade, apenas “por passar” na ala psiquiátrica, encontrando Samantha na cabeceira de Íris, acariciando os cabelos da paciente.

- O que faz aqui? - perguntei por curiosidade.
- Nada. Resolvi vim vê-la somente.
- Minha mãe fazia assim. Acariciava meus cabelos com a ponta dos dedos...

Samantha sorriu.

– Sabe? Acho que seria interessante qualquer dia desses você tentar um contato com ela. Por ela passar a maior parte de sua vida na espiritualidade, com certeza tem um bom conhecimento, além de aumentar nosso grupo...

- Grupo? - perguntei interrompendo-a.
- Sim. Ou não percebeu isso ainda? - disse enumerando como os dedos: - Meu conhecimento de área, seu “dom”, o “jogo de cintura” de Rafael, seu pai biológico na espiritualidade, Íris, Célsius*... - deu uma pausa. - Célsius não vou contar, ele anda muito sumido.

- Sim?
- Somos hoje em cinco pessoas. Cada uma usando o que tem de melhor. Com exceção de Íris, na qual não tentamos uma comunicação satisfatória.
- Entendi. Mas não faltará oportunidade, garanto-lhe. E com você falando desta forma, realmente me deixou pensativa: Qualquer médico ou outro profissional que

acompanha mais de perto esse tipo de paciente, por falta de conhecimento, nem imagina a importância ou os trabalhos que são feitos na verdadeira vida, na espiritual.

– Sim. A vida na matéria é tão curta, que começo a crer que nossa existência aqui é que deveria ser considerada um “sonho”, afinal, vivemos somente alguns anos, e depois, “acordamos” novamente na verdadeira vida, a espiritual. - falou Samantha em íntimas reflexões.

– Tem razão. - respondi olhando para o relógio. Notei que o expediente milagrosamente findaria dentro de poucos minutos.

Aproveitei o momento para convidar Samantha para jantar mais tarde na minha companhia e de Rafael.

Ela aceitou de pronto.

Estávamos no refeitório entretidos em uma conversa animada, quando vimos a diretora, Áurea, servir-se de uma bandeja.

Estranhamos o fato, pois fora o almoço, nunca jantou na clínica.

Sentou-se sozinha na mesa ao lado.

Percebendo que nós três a observava, levantou-se e perguntou se podia conosco se sentar.

Obviamente nós três consentimos.

Ficamos sabendo que seu filho fez uma viagem com um grupo de amigos da escola. Só retornaria na próxima segunda-feira e, como a casa estava vazia, não teve vontade de voltar tão cedo, mexer em panelas, etc... Resolveu jantar por ali mesmo, além de adiantar se possível algum serviço.

* Célsius – Guia espiritual de Samantha.

Conversamos sobre várias coisas, mas como nossas mentes viviam ligadas no “outro plano”, acabamos encaixando em nossas conversas pequenas parcelas destes assuntos.

De início pensei em mudar o rumo da conversa, ou ao menos tomar mais cuidado, mas pensando melhor, talvez ainda influenciada pelos comentários de Samantha sobre o “nosso grupo”, acabei por expor sutilmente nossas “últimas andanças” com o caso de Mirela e Walter, colocando a diretora a par do que fazíamos.

Minha postura surpreendeu Samantha e Rafael.

A conversa foi difícil devida a diferença cultural nesta área entre nós e Áurea, mas de um modo geral tornou-se proveitosa.

Áurea, apesar de até então mostrar preferencia por manter-se longe destes fatos, ouviu com atenção, manifestando sua preocupação para com o seu filho no que diz respeito as drogas a exemplo de Mirela.

Disse também ser religiosa, mas concisa que existe muito mais “por aí”, além do que normalmente mencionado, estudado, pelas religiões oficiais.

Uma vez concluída a refeição, Áurea se despediu, informou que iria para casa assistir no máximo um pouco de televisão e dormir.

Com exceção de Áurea, seguimos em direção aos aposentos de Samantha.

Rafael, durante o caminho, perguntou “o porque” de eu ter me aberto com a diretora sobre as nossas últimas “loucuras”. Respondi que estávamos em sua clínica, debaixo de seu teto, e seria no mínimo justo informá-la o que fazíamos.

Ninguém contestou.

Uma vez dentro dos aposentos de Samantha, acomodei-me na poltrona sem que ninguém pedisse,

informando que tentaria através de meu corpo, informar o que se passava.

Como todos sabiam o que deveria ser feito, abandonei o corpo fixando meus pensamentos em Walter. Como resultado, voltei ao vale já conhecido, encontrando-me parada de frente a uma cópia exata do casebre no qual perdeu sua vida.

Abri a porta principal lentamente, observando que o quarto estava nas mesmas condições da visão que tive no cemitério.

O suicida criou aqui, no vale, novamente o “seu mundo”.

Walter sentou-se na cama naquele instante, inclinou seu corpo para abrir a gaveta do criado mudo alcançando a fatídica lâmina.

Pensei em entrar em sua mente neste instante, antes de executar o que planejava, mas iniciando a concentração necessária, ouvi uma voz masculina pronunciando com voz enérgica a palavra “Não”.

Conheci sua voz e, virando-me para trás deparei-me novamente com Thomas.

Família

Thomas

Sensibilizado com a boa vontade do grupo e de minha filha, mas sabedor da inutilidade e riscos da ação decidida por eles, resolvi interferir:

– Não vai adiantar Sabrina. Ele não ouve nada e ninguém, assim como a irmã dele. O que vê aqui no vale é um paraíso perto do que se passa dentro de sua cabeça. O ambiente mental de Walter é extremamente confuso, próximo a um pesadelo psicodélico. É perigoso entrar na mente de um espírito nestas condições. Ao invés de se envolver e ajudar, poderá ser envolvida e se perder. Não conseguirá nada assim, somente o tempo o fará sair deste estado.

– Não temos tempo Thomas. Mirela não aguentará essa espera de recuperação do irmão. Morrerá em novos atentados contra a própria vida remoída pelo remorso...

– Use a mãe. O pai não está em condições de ajudar. Alerte Samantha, ela sabe o que fazer. - aconselhou.

Sabrina

Voltei ao corpo, mas antes mesmo de expor o que acontecera no vale, Samantha mostrou-se a par dos fatos.

Disse que eu movi meus lábios conforme falava com Thomas, e ela ouviu claramente o sugerido por ele passando para Rafael.

Questionei sobre a ideia, não acreditava na possibilidade de execução desta tarefa. Minha dúvida baseava-se exclusivamente na falta de conhecimento da mãe.

Samantha, após alguns momentos de reflexão, buscando a melhor forma de explicar, finalmente falou:

– Thomas está certo. A mãe, como genitora, impregnada de preocupações com a “prole”, tem um perfil que não pode ser descartado. Ela com certeza tem recursos para interferir no estado psicológico de Walter que não temos...

– Sim. O estado que ela ficou contando sobre os incidentes últimos, foi de dar pena. Mas ela também viaja para interferir? Que conhecimento ela tem? - perguntei finalmente expondo minha dúvida.

– Sabrina. A “viagem astral” consciente é você quem faz, mas todos nós nos desprendemos a noite no sono natural. Ou nunca encontrou ninguém “vivo” do “lado de lá”?

Ri de minha ignorância momentânea, lembrando dos fatos do passado* e das últimas explicações de Thomas na necrópole sobre o ir e vir de Walter.

– E como será feito? - perguntei tentando oficializar a investida.

– Odeio dizer isso, mas está em suas mãos de novo*. Nas suas mãos e em seu coração.

Entendi o que Samantha quisera disser. Lembrei do que fui obrigada a fazer com os “vampiros*” no caso de Evelin. Acredito que desta vez, ao menos, conversando com uma mãe ao invés de “demônios”, seja bem mais fácil.

Estando cansada, fui para casa.

Na noite do dia seguinte nos reunimos novamente em nosso “quartel-general”, mas desta vez, segui ao encontro da mãe de Mirela.

* Passado – Sabrina lembrou do encontro com Samira, Pipa e tantos outros (Livro 1 e 2), que mesmo na condição de ainda estarem ligados ao corpo físico, manifestavam-se de forma consciente ou não no astral.

* De novo / Vampiros – Sabrina convence diversos espíritos a abandonarem a vida que vinham levando. - Livro 2 “Vampiros Astrais”.

Não precisou mais que um segundo para eu estar em pé no mesmo ambiente que o dela. Encontrei-a fora do corpo, sob a ação do sono natural.

Encontrava-se ajoelhada e de mãos postas na sala, de frente a um pequeno oratório em sua casa.

Orava fervorosamente.

Aproximei-me parando ao seu lado.

Do alto de sua cabeça, no Chakra Coronário, um feixe de luz brilhante subia ao infinito.

Enquanto ela se mostrava concentrada em oração, fiquei imaginando uma forma de abordá-la.

Entretida nestes pensamentos, ela percebeu minha presença, aproximou-se rapidamente e comentou:

– Eu sabia que minhas orações seriam atendidas. - falou alegre fitando-me. - Obrigado por enviar um de seus Anjos Senhor. - finalizou com os braços abertos para o alto.

Não sei descrever o que senti. Estava neste instante sem graça e confusa: – Anjo? Não me reconheceu como sendo a amiga de sua filha?

Estava prestes a contrariá-la, dizer a verdade, quando percebi que a situação formada era extremamente útil.

Ela via exatamente o que desejava, e por fim resolvi aproveitar a situação.

– Suas preces foram atendidas. Sabemos que suas palavras vem do fundo de sua alma, de um coração materno ferido. Sua filha precisa de ajuda, mas de uma ajuda maior sua do que a dos Céus...

– Minha? Não sei o que posso fazer por ela. Ela dorme, não me ouve. O que posso fazer sozinha? Uma pobre mulher como eu?

– Sozinha? Ninguém está sozinha minha filha. Aqui estou eu como prova da bondade infinita do Criador. Onde está sua fé?

Ela abaixou sua fronte e desculpou-se pelo que dissera.

– Não se desculpe. - disse ajudando-a a se levantar. - Sua fé é grande, e és uma merecedora. Aqui estou para ajudar a resgatar sua filha perdida, mas antes, precisamos ver seu filho que também sofre.

Senti que ela iria fazer perguntas sobre o filho falecido. Tentar entender e talvez complicar ainda mais a questão. Para não correr este risco, interrompi:

– Venha. Me acompanhe. - finalizei puxando-a suavemente pelas mãos.

Uma vez ligada a ela pelo “toque”, nos transferi até o encontro de Walter.

Samantha

Ouvíamos o que se passava pela boca de Sabrina e, Rafael não se aguentando comentou:

– Nossa! Sabrina agora virou anjo? - falou estarecido.
- Essa história não está indo longe demais, Samantha?

Sorri, correndo em seu socorro:

– Está com medo de que? Dos céus nos punirem? Ela está fazendo o melhor que pode para ajudar esta família. Além do mais, ela não se passou por anjo por desejo próprio. Na realidade, a mãe por estar envolvida em pensamentos religiosos, em oração, viu nela o que queria ver, nada mais que isso.

– Mas não estaríamos nos intrometendo? Quem garante que os Céus não enviariam um anjo de verdade para ajudar na solução deste problema?

– E quem garante que Sabrina não é o anjo enviado? Esqueceu do ditado popular que “Deus escreve certo em linhas tortas”?

Rafael calou-se momentaneamente, pensou um pouco e comentou:

– Tudo bem. Mas me sinto meio incomodado com isso...

– “Desincomode-se” Rafael. Não esqueça que Thomas e outros espíritos com certeza estão por perto. Ela somente aproveitou a situação para poder guiar os passos da mãe e, pelo o que estou vendo, está indo muito bem.

Voltei a prestar atenção no que Sabrina dizia.

Sabrina

Estávamos dentro do pequeno quarto tão conhecido por ambas, cenário do fatídico incidente vivido por Walter.

Ele, acabara de cortar seus pulsos, estava inerte, aguardando uma “nova morte”.

Sua mãe, apesar de nada entender, lançou-se em seu socorro, cobrindo-o de beijos e carinhos frenéticos na esperança de acordá-lo.

Além da visão convencional, pude contemplar uma infinidade de fios luminosos emanando da mãe a envolver seu filho.

Neste instante entendi o que Samantha havia dito:

“A mãe, como genitora, impregnada de preocupações com a “prole”, tem um perfil que não pode ser descartado.”

Realmente.

O amor puro, incondicional, dificilmente seria encontrado em outro lugar fora do coração materno.

Ela não percebeu, afinal não tinha como, mas seu ato evitou que desta vez Walter derrubasse a vela e incendiasse o local.

Não pude conter minhas lágrimas quando vi o seu desespero: Segurava fortemente os pulsos de seu filho na tentativa frustrada de estancar a hemorragia.

Uma angústia forte me dominou, queria poder fazer algo, mas sabia que se a mãe não conseguisse, ninguém mais o faria.

Foi longo o tempo de tentativas e palavras.

Chamou-o pelo nome inúmeras vezes, até que em certo momento, ela foi finalmente retribuída em atenção.

Chorei, observando o sucesso progressivo da investida.

Uma vez ligada a ele, conversaram emocionados.

Ouvia de longe pequenos fragmentos da conversa.

Soube que a causa do ato impensado, que tirou-lhe a vida, viera à tona: Pude constatar neste momento ser nada mais nada menos que uma tola desavença romântica.

– Tola? Fiquei pensando no que eu dissera. – Quem sou eu para julgar?

A conversa depois de muito tempo chegou ao seu término. Por estarem naquele momento abraçados e sem ação, aproximei-me:

– Venha Walter. As orações de sua mãe foram atendidas. Eu levarei você a um lugar melhor. Lá você poderá descansar e tirar todas suas dúvidas.

Walter até então não havia reparado na minha presença e, quando me viu, olhou-me assustado, depois para sua mãe, como que pedindo conselhos. Ainda confuso, não sabia o que fazer.

– Vai com este anjo do Senhor. Ele fará suas dores desaparecerem. - disse sua mãe com bonomia.

Segurei na mão de Walter e, antes de levá-lo ao encontro de Thomas, pedi para que sua mãe aguardasse minha volta. Ela consentiu com a cabeça, virou-se para seu filho, abraçou-o e beijou-o novamente na fronte.

Liguei-me mentalmente a Thomas, encontrando-o sentado em uma espécie de tablado de pesca. Estava descalço, tocando a superfície do rio com a ponta dos pés.

Walter de imediato reconheceu o lugar. Disse ser a primeira casa que moraram, esta, na qual passou o maior tempo de sua infância.

Tive certeza neste instante que Thomas já me aguardava, afinal, o ambiente já havia sido preparado.

Despedi-me em um gesto, retornando a casa criada no vale dos suicidas em busca de sua mãe.

Uma vez em sua presença, Informei-a dizendo que seu filho estava agora com outros Anjos do Senhor, que sabiam exatamente o que fazer para ele se recuperar.

– Sua filha também será ajudada. Em breve terá notícias. - conclui, estampando em meu rosto o meu melhor sorriso.

Ela, acredito que por ter tido um pequeno tempo sozinha para pensar enquanto levava Walter, perguntou:

– Minha filha não teve culpa de nada. Não é?

– Não. Ela não é responsável pelo que aconteceu a Walter. Não se preocupe, resolveremos esta questão em breve.

Um pouco mais tranquilizada, caminhamos para fora do casebre criado por ser filho. Olhando de soslaio, pude contemplar seu desaparecimento lento. Entendi na prática o que Thomas havia me dito quando apresentada pela primeira vez ao vale dos suicidas, sobre como os espíritos integrantes mudam o ambiente conforme suas emanções mentais: A construção sumia lentamente, quando não mais havia mentes alimentando aquela criação.

Devolvi-a ao conforto de seu lar e, já no mesmo local que a encontrei pela primeira vez, retornou ao seu pequeno oratório, agora, agradecendo a intervenção divina que tanto pediu.

Samantha

Sabrina abriu os olhos e não se mexeu.

Senti que seus pensamentos viajavam longe.

Não havia o que contar por parte de Sabrina, tanto eu quanto Rafael já sabíamos o que acontecera a ela e aos familiares de Mirela. Aguardávamos somente uma manifestação sua.

Sabrina quebrou o silêncio:

– O que fazemos agora?

Eu ia responder qualquer coisa, mas ouvi a voz nítida de Thomas ecoar em minha mente:

– Por enquanto nada. Aguardem uma melhora por parte de Walter. Voltaremos a falar no momento oportuno.

Passei a Sabrina e a Rafael o que foi dito e, respeitando a vontade de Thomas, encerramos a reunião.

Alguns dias se passaram sem novidades.

Enquanto conversava com Rafael, Sabrina chegou no refeitório, serviu-se e sentou-se ao nosso lado.

– Tudo bem Sabrina? - perguntei educadamente.

– Sim. - respondeu depois de beijar suavemente Rafael e cumprimentar-me. - Fui agora de manhã na cidade para comprar umas coisas que me faltavam, aproveitei para visitar rapidamente a mãe de Mirela.

– E como foi? Interrompi.

– Tudo bem. Só não entendo como as pessoas vivem diariamente no astral e não lembram. Ela me recebeu como se somente a última visita que eu e Rafael fizemos existisse...

– Isso é normal Sabrina. Como está Mirela? E a sua mãe?

– Mirela continua em coma para tristeza de todos. Mas a mãe me parece mais tranquila, como se um “peso das costas” fosse retirado.

– E realmente foi. Não foi? - falou Rafael. - Hoje ela sabe que sua filha não teve culpa da morte do irmão.

– Sabe? Ela nem se lembra da “intervenção angelical”, esqueceu? - perguntou Sabrina chateada.

– Calma aí Sabrina. - interrompi. - Não é bem assim. Vamos devagar. Primeiro, tudo o que aconteceu no astral nunca será esquecido. Como você mesmo disse, a mãe de Mirela está bem mais tranquila e, isso com certeza tem uma razão.

– Qual?

Pensei um pouco antes de responder. Sabia que o que vinha á frente era de difícil entendimento e, para elucidar, pensei em iniciar com um comparativo:

– Você lembra de seus sonhos convencionais?

– Muito raramente. Porque?

– A mesma coisa que acontece com os sonhos, acontece na viagem astral natural. O esquecimento é comum. Um detalhe: você já teve sonhos sequenciais?

– Eu já. - falou Rafael interessado. - As vezes parece que está se formando uma história...

– Exatamente. Percebe como os sonhos não são esquecidos? Você sonha uma vez e diz que não lembra, mas depois sonha novamente com a continuação dele. Para que haja essa continuação é necessário que o anterior esteja guardado em algum lugar, se não, como continuar?

– Tá.. Entendi a ideia. Mas o que isso quer dizer?

– Quando dormimos, vivemos o sonho no “astral mental” desligados do corpo físico, concordam?

– Sim. Concordamos – falaram em uníssono, fazendo-me sorrir.

– Essas informações do astral, são do astral, e não do corpo físico. São do espírito. Quando acordamos, o sonho se esvai, desaparece aos poucos, exatamente no tempo que ainda estamos acordando, nos religando. Mas quando já completamente despertos, não lembramos de nada.

– E? - interrogou Rafael.

– O que eu quero dizer com isso? Que o sonho, que o saída para o astral de forma natural, não faz parte da realidade física...

– Lógico. Quem sonha é a consciência, o espírito. e não a carne, o osso, as veias.. - comentou Rafael.

– Apesar de seu comentário desleixado ser verdadeiro, não é suficiente para chegar a conclusão nenhuma.

– Tá! E ele faz parte de onde? Do que? - perguntou Sabrina interrompendo, forçando um finalmente.

– Do nosso subconsciente. É lá que todas as informações reencarnatórias e do astral ficam armazenadas. Nosso espírito está “latente”, passando informações vivenciais, ideias, de forma filtrada para o consciente, para nossa consciência ativa.

Senti que nenhum dos dois estenderam. Rafael voltou a perguntar e notei que Sabrina dividia a mesma dúvida:

– Então existem duas consciências dentro de nós? A do meu espírito e a minha?

– Não gente. O espírito e a nossa consciência são uma coisa só, acontece que o nosso espírito está “encarcerado” dentro de nós por imposição da matéria. O que somos nós, nada mais é do que um reflexo do nosso “eu interior”.

– “Eu interior” - murmurou Sabrina.

– Sim. Estas impressões contidas no subconsciente, passam pela matéria da mesma forma que o sol passa através de um vidro “leitoso”. Mas passa. - frisei a ultima frase. - Daí a mãe de Mirela, apesar de não lembrar das “façanhas angelicas” de Sabrina, tem com certeza

consciência, “sente” que sua filha não teve culpa no incidente que levou seu irmão a morte. Percebe? Ela “sabe” no subconsciente mas somente “sente” no consciente. Ela recebe esse “sentir”, como uma espécie de intuição. Entenderam?

– Mais ou menos... - pausou. - Sabe aquelas crianças que aos cinco anos de idade tocam piano maravilhosamente bem? Sem ao menos terem ido a uma escola de música? É devido ao mesmo motivo?

– Ótima comparação Rafael. Sim. É. Sua bagagem espiritual, o conhecimento que adquiriu em outras vidas ou na espiritualidade, não são perdidas nunca. Estão, como eu já disse “encarceradas” no subconsciente. No caso que citou, causado por algum distúrbio qualquer, esse conhecimento antigo atravessa a barreira da matéria com maior intensidade. Vem à tona para essas crianças na forma de uma “intuição forte”. Quer coisa melhor do que a arte? Da música? Para ser desenvolvida através da intuição? A criança nunca aprendeu a tocar piano nesta existência, mas sabe tocar, pois o conhecimento já existe. Este fato diferencia muito as pessoas na hora de aprenderem algo novo. Aqueles que já tem uma certa experiência no passado, obviamente aprendem com maior facilidade no presente.

– Nossa. Acho que agora sim. Mas vamos ver se eu realmente entendi: A mãe de Mirela sente-se melhor, porque “sente” que a situação melhorou para seus filhos, apesar de não saber de forma consciente “o porque”. Estas informações, “o porque”, estão no subconsciente, mas não lembra, devido ao fato de não termos um acesso natural, total a ele, é isso? - perguntou Sabrina pausadamente montando a pergunta palavra por palavra.

– Sim.

– Mas devo dizer que isso é pra lá de complicado. - emendou Sabrina pensativa.

– É um pouco, mas pensando com carinho no assunto, com calma, verá que não é um “bicho de sete cabeças”. Entenderá perfeitamente a lógica desse brilhante recurso natural.

– Como assim “recurso natural”? - perguntou Rafael.

– Sem esse recurso, como vocês acham que conseguiríamos viver? Tendo todo o histórico de nossas vidas passadas ativas em nossa mente? Imaginou o problema que teríamos quanto a nossa identidade atual?

– Como assim? Não seríamos nós mesmos? - perguntou Sabrina.

– Hoje seríamos, mas e quanto ao nosso passado? Como vocês se sentiriam sabendo que cometeram crimes inconfessáveis no passado e lembrassem deles sem descanso? Como se sentiriam se alguém resolvesse nos punir por algo que fizemos em outra vida? Sem o esquecimento, as novas chances de mudança estariam seriamente comprometidas...

– Mas conhecedores de nossos erros, não seria mais fácil superá-los? - inquiriu Rafael.

– Para superar nossos erros Rafael, já temos a intuição trabalhando ao nosso favor. Lembram que eu acabei de falar sobre a intuição? Que ela é o reflexo de nosso espírito? Portanto de nós mesmos? Ela nos alerta quando estamos próximos a fazer alguma besteira. Fora isso sabemos o que é certo ou errado. Seguimos o caminho errado porque assim o escolhemos.

– Nisso você está coberta de razão. - falou Sabrina pensativa.

– Será que vocês acreditam, que no passado nunca cometeram nenhum erro grave? Que poderia vir a “assombrá-los” caso lembrassem? Será que vocês se julgam imunes a isso?

Acredito que todos na mesa, conhecedores de seus defeitos e de seus “monstros íntimos”, silenciaram em concordância a regra natural apresentada.

Inclusive eu.

Walter

Sabrina

Samantha avisou Rafael que gostaria de falar conosco a noite em seus aposentos. Uma vez ciente, caminhei abraçada por Rafael na hora combinada ao seu encontro.

Acomodados em sua sala contou-nos o motivo:

– Thomas avisou-me que a hora esperada chegou. Disse ainda que Walter recupera-se rapidamente, encontrando-se neste momento bem melhor, apto a interceder em favor da irmã. Aceitou também a ideia de ir com você em seu socorro. - disse dirigindo-se a mim nas ultimas palavras.

– Parece que dessa vez eu somente o acompanharei. - respondi tranquila.

– Parece que sim. Acredito que Mirela vendo seu irmão, ouvindo o que tem a dizer, saia da situação em que está. - concordou Rafael.

– Então vamos? Como farei para encontrar Walter? Devo me ligar a ele? - perguntei sabendo que deveria estar com Thomas ou em algum lugar se recuperando.

– Ele já está aqui a sua espera.

Recebendo essa informação, achei que não seria muito educado fazê-lo esperar. Ajeitei-me na poltrona e sai.

Walter realmente já me aguardava, esperava-me em pé ao meu lado.

Sua imagem melhorou muito, pude ver o quanto era bonito.

Senti pena em lembrar o quão novo abandonou sua vida carnal, o quanto ainda poderia ter aproveitado desta nova vida física.

Estiquei minha mão esquerda em direção a dele e, conforme o esperado, deu-me a sua. Uma vez ligados mentalizei Mirela.

Em frações de segundo já estávamos dentro do astral mental de Mirela.

As cenas que anteriormente vira, agora podiam ser observadas pelo próprio irmão.

– Eu criei isso? Tudo isso é culpa minha? - disse Walter alterado.

– Calma. Não é hora para esse tipo de emoção. Você já está pagando um preço alto pelos seus atos. A ideia aqui é ajudar a sua irmã. Concorde? - sem aguardar resposta concluí: – Então não vamos estragar essa oportunidade. Sua irmã precisa de você neste instante.

Walter olhou para dentro de meus olhos, suspirou profundamente e falou:

– Você tem razão. Me desculpe.

Walter repetiu praticamente todos os meus passos anteriores: tentou conversar com a irmã, tentou abraçá-la e nada funcionava, até que em certo momento, Mirela abriu uma porta, e além das chamas e fumaça já conhecida, uma imagem de Walter queimando sobre uma cama pode ser vista.

Parece que a mente de Mirela acabou finalmente encontrando a origem da voz que pedia por socorro.

– O que é isso? - perguntou Walter atônito, recuando perante a cena.

– É uma imagem criada pela sua irmã devido a culpa que sente. Infelizmente serve apenas para agravar a situação. - respondi sem expressão.

Walter ficou em silencio, pensativo e após alguns segundos falou:

– Talvez podemos usar isso. - falou mecanicamente, ainda atordoado.

– Como assim? - Não entendendo como uma ilusão terrífica como aquela poderia ser útil.

– O que Mirela está fazendo? - perguntou apontando para sua irmã ajoelhada.

– Está pedindo desculpas para você? Na imagem?

Não respondeu minha pergunta, afastou-se simplesmente.

No momento que Mirela cobriu seu rosto abafando um choro convulsivo, Walter tomou o lugar da ilusão, misturando-se a ela.

Mirela voltou a falar com a ilusão, mas desta vez, ouviu a resposta desejada vindo do verdadeiro Walter.

Entendendo finalmente a sua ideia, que se mostrou bastante eficaz, resolvi auxiliá-lo de alguma forma:

Mudei gradativamente o cenário doloroso para algo mais apropriado.

Como não senti dificuldade em alterar as imagens ao meu gosto, deduzi que Mirela por estar entretida com Walter, não mais influenciava o ambiente de forma incisiva. Assim sendo, mudei progressivamente o quarto fumacento pela sala de sua casa.

Percebi que apesar de Walter ter conseguido sua inteira atenção, encontrava dificuldade para fazê-la crer em sua inocência.

Dentro desta nova situação, em sua confusão mental, Mirela acreditava agora que Walter estava apenas vivo, e que tudo o que aconteceu não era nada mais que um “sonho mau”.

Apesar dessa ideia resolver momentaneamente a questão, afinal tirou-a da crise, ainda não era a ideal. Sabíamos que ela precisava saber da verdade, precisava livrar-se da culpa e, por não ter mais recursos verbais, fiz com que fossem apresentadas as verdadeiras imagens do fatídico dia, retirada das próprias lembranças de Walter.

Ambos foram obrigados a assistir.

Odiei fazê-los sofrer novamente.

Walter chorou convulsivamente ao rever sua morte, cortando os pulsos, a vela caindo, as chamas consumindo o pequeno quarto.

Mediante o martírio de Walter, Mirela fez o que pode para consolá-lo e, desta vez, a conversa foi longa.

O tempo passou, até que certa hora pareceu-me que chegaram a um entendimento, Mirela finalmente entendeu a situação.

Levantaram-se do chão. Walter se despediu e sua irmã desapareceu.

Perguntei a Walter o destino de sua irmã, e ele, atencioso me respondeu:

– Ela entendeu o que aconteceu. Estava cansada. Pediu para ir dormir.

– Não se preocupe Walter, ela com certeza “parou de sonhar”. Este lugar não é nada mais que um pesadelo que finalmente acabou. Graças a Deus Mirela o abandonou. Vamos embora nós também.

Peguei sua mão e retornamos ao quarto de Samantha.

Thomas nos aguardava.

Utilizando-se de poucas palavras, tanto Walter quanto Thomas agradeceram a ajuda recebida. Thomas pousou sua mão no ombro do rapaz desaparecendo a seguir levando-o consigo.

Voltei ao corpo satisfeita com os resultados.

Rafael

Encontrei Sabrina e Samantha na cozinha, estavam sentadas em uma cadeira próxima a mesa principal tomando um café.

Ainda chateado com o insucesso nas minhas tentativas de sair para o astral perguntei a Samantha:

– Samantha. Não consigo. Chego até a situação do “formigamento” e dali não saio. Tem alguma coisa errada comigo?

Ela sorriu, descansando suavemente seu copo sobre a mesa.

– Não Rafael, é assim mesmo. Se fosse fácil demais, isso já seria um hábito popular? Concorde?

– Sim. Claro. Mas tem como forçar a situação?

Samantha pensou por alguns segundos e respondeu:

– Bem lembrado. Tem sim e não é nada complicado: Para você “forçar” uma saída, você deve tentar projetar sua consciência para outro lugar...

Sabrina, que somente observava até o presente momento interrompeu:

– Verdade. Uma vez eu precisei fazer isso*...

– Quando? - perguntou Samantha curiosa.

– Quando eu estava em coma. - pausou. Eu estava no meu corpo consciente, mas não podia me mover. Conseguir sair para o astral naquele momento representava liberdade. Eu sabia também que poderia ser útil fora do corpo...

– E como fez? - perguntei afoito.

– Apenas imaginei-me em pé ao meu lado, olhando para mim mesma...

– Certo. - interrompeu Samantha. - Você projetou sua consciência para um outro lugar forçando o desligamento.

– Sim. Mas lembro que tive que insistir para conseguir, não saí de imediato.

– Como eu te disse Rafael, é tudo uma questão de exercício. - falou Samantha.

– Tudo bem! Mas só isso irá resolver?

* Fazer isso – Conforme explicação posterior de Sabrina. - Livro 1 - “Qual o seu medo?”

– Se isso não resolver tente essa: Imagine uma corda pendurada no teto na direção do seu peito, segure-a mentalmente, firme, com ambas as mãos, e tente subir pela corda. Puxe-se para fora do corpo, forçando seu espírito a projetar-se para cima. Entendeu?

–Perfeitamente. Tentarei hoje mesmo as duas técnicas.

Estava em uma loja de ferragens na qual normalmente compro o que preciso para os reparos da clínica, quando reparei em uma senhora de meia idade que se ocupava em escolher algumas ferramentas de jardinagem. Ela me lembrou a mãe de Mirela.

Como estava a poucas quadras do local, paguei a compra e dirigi-me até lá.

Fui atendido com a mesma simpatia de sempre, sentei-me no sofá e passamos a conversar.

Ela estava bem melhor, corada e com as feições leves. Em pouco tempo soube do motivo: Informou com alegria que Mirela acordou de seu coma com uma tranquilidade há muito tempo não vista.

Soube também que tencionava chamar um táxi para fazer uma visita a sua filha, mas não deixei que o fizesse, insistindo uma carona.

Uma vez aceita, seguimos em direção ao hospital.

Seu marido, pai de Mirela, por trabalhar por perto encontrava-se aguardando na portaria do hospital o início do horário de visitas e, após as devidas apresentações, seguimos todos ao quarto de sua filha.

A encontramos fraca, mas bem, sendo possível desta forma iniciarmos uma conversa amistosa e construtiva, que ocupou praticamente todo o horário de visitas.

No caminho de retorno para a casa de Mirela, aproveitando a presença de seu pai que aceitou voltar conosco, contei um pouco da história de Sabrina.

Ambos ficaram a par do que minha noiva passou, do que era na época que usava drogas e o que se tornou depois vencendo definitivamente a dependência.

Prometeram pensar com carinho na possibilidade de interná-la na clínica no qual trabalhávamos. Sabiam que sua filha seria assistida por amigos.

Pelas conversas que presenciei da família, desde o hospital até em casa, percebi que os pais nem mesmo desconfiavam do suicídio do filho. Eu tinha consciência que se houvesse alguma possível pista sobre o ocorrido, havia sido completamente destruída pelo incêndio.

Duvidei que um dia a verdade viesse à tona. Estava chateado, não achava justo que Mirela vivesse com essa culpa por toda a sua vida.

Ritual

Sabrina

Como eu nunca deixaria Rafael para trás, além de temer andar a noite pelas matas, pedi para que ele nos acompanha-se a um local isolado que Samantha escolheu para o encantamento do espelho.

Paramos o carro ainda na estrada e, utilizando uma lanterna, Samantha nos guiou por mais de quinze minutos pela mata adentro.

Obviamente reclamamos do “tour”.

Quando eu e Rafael estávamos prestes a brigar com ela, no intuito de fazê-la voltar, ouvimos de sua boca um suave “chegamos”.

– Chegamos onde? - perguntou Rafael atônico, ainda se desviando de galhos e arbustos.

Não obtive resposta.

Seguindo Samantha pouco metros à frente, nos deparamos com uma belíssima clareira.

A lua se fazia alta, cheia, enorme, e na sua companhia, milhares de estrelas que, daquela forma, há muito eu não via. Fiquei boquiaberta por vários momentos em pura contemplação. Senti que Rafael, ao meu lado, desfrutava das mesmas emoções.

Samantha se ajoelhou praticamente no centro do local e retirou de sua mochila vários objetos, entre eles o seu espelho mágico e alguns cristais. Retirou ainda um pedaço de madeira redonda e, sobre ela, esticou uma belíssima toalha branca bordada.

Sobre a toalha, colou duas velas brancas e as acendeu.

Parecia que a mãe natureza estava colaborando com o trabalho de Samantha, afinal naquela noite não havia nem

mesmo brisas; nada se movia sob a ação dos ventos, nem mesmo as chamas das pequenas velas.

Sentei-me na grama, acompanhada por Rafael um pouco atrás de onde ela estava.

Ficamos em silêncio apenas observando.

Tirou de sua mochila duas cuias, um incensário e uma pequena garrafa de água.

Colocou as cuias sobre a toalha e encheu uma delas com o conteúdo da garrafa.

Pegou a outra cuia e levantou-se. Andou por alguns metros, até que agachou-se e a encheu de terra.

Voltando a pequena mesa que fiz, agora, mais parecendo um altar, colocou a cuia em seu devido lugar.

Ajoelhou-se novamente, desta vez acendendo calmamente um incenso.

Acreditei que não faltava mais nada, mas vi quando ela retirou de sua mochila um pequeno tocador de CD e o ligou a uma caixinha de som a pilha.

Após escolher uma música, Samantha parou por alguns segundos em silêncio, ergueu suas mãos para os céus, e entoou uma pequena canção, que, pelo ritmo e conteúdo, parecia uma doce e sentida oração.

Olhou para nós neste momento. Pude ver o quanto seus olhos cintilavam.

Ela explicou:

– É uma oração de abertura. Um agradecimento ao Deus pai criador e aos bons espíritos que nos assistem.

Sorrimos, tanto eu quanto a Rafael em concordância a intenção.

Lembrei neste momento de vários espíritos que conheci nesta nova fase da minha vida, e agradei a eles a ajuda recebida, assim como pedi em favor de outros que se perderam no caminho, tanto físico como espiritual.

Lembrei dos espíritos socorridos no caso de Evelin*, de Samira*, de Walter, desejando do fundo de minha alma um encaminhamento proveitoso a todos eles.

Envolvida por estas lembranças, pela música doce e suave* que tocava, emocionei-me neste instante.

Virei-me para Rafael. Notei que seus pensamentos também estavam longe.

Samantha pegou um dos cristais ali dispostos, passando-o em seguida pela fumaça do incenso. O levantou acima da cabeça e recitou algumas palavras de consagração ao elemento “ar”, dedicando o cristal como um instrumento mágico de cura. Depois, pousou delicadamente o cristal na cuia de terra e repetiu as palavras anteriores, mas desta vez, utilizando o elemento “terra” em sua consagração. Banhou-o na cuia de água e fez novamente o mencionado. Pegou os demais cristais um a um e repetiu o processo. Uma vez finalizado, ficou com eles colado ao peito por vários minutos.

Vi que Samantha começou a guardar os componentes do altar improvisado e, levantando-me de onde eu estava, perguntei se já iríamos embora.

Olhou para o relógio do seu celular e disse:

– Não. O eclipse irá começar dentro de dez minutos...

– Nossa! Verdade. Esqueci do eclipse. Fiquei tão absorta observando o que fazia que esqueci completamente dele. - sorri, voltando a me sentar ao lado de Rafael.

Rafael neste instante me abraçou sem nada dizer, e assim, de corpos colados, observamos Samantha a uma certa distância a se preparar para o fenômeno.

*Evelin - Livro 2 - “Vampiros Astrais”

*Samira - Livro 1 - “Qual o seu medo?”

*doce e suave - CD “Encantamentos” – Caso o leitor se interesse pela composição, acesse o site <http://www.serieastral.com.br> e faça o download da música “Cristais” no formato mp3 gratuitamente.

Samantha guardou várias peças do altar, deixando somente as velas ainda acesas, a cuia com água, o incensário, e o seu espelho mágico. Tirou ainda da mochila um tucho de algodão.

Ajeitei-me no peito de Rafael quando vi que a lua começava a ser invadida por uma sombra negra.

Chamei a atenção de Samantha para o fato.

Ela olhando para o céu, inciou um novo cântico com as mãos estendidas para o céu estrelado.

Após o cântico, ajeitou seu espelho em uma determinada posição, e olhando atentamente o reflexo do eclipse, recitou várias frases para esta nova consagração.

Ouvimos também pedidos de iluminação de caminhos, prosperidade, união e afastamento de energias negativas.

Ficamos um bom tempo sem nada fazer, a observar somente, à exceção de Samantha que virou-se de momento, e colocou em seu aparelho uma nova música*, desta vez, parecida com uma música clássica. Ficou ouvindo-a repetitivamente até o fim do fenômeno.

Quando a lua cheia voltou a aparecer na íntegra, ela fez inúmeros pedidos. Solicitou principalmente a ajuda dos seres espirituais evoluídos, nas lutas diárias contra os seus defeitos mais íntimos, pediu transformação e libertação.

Um breve silêncio se fez. Dentro dele, Samantha pegou o algodão, molhou na cuia com água e limpou suavemente o espelho, retirando o limão e o sal anteriormente untado.

Apesar do tempo de espera, acompanhando Samantha em seus rituais, devo dizer que a experiência me fez bem.

Ainda na mata, no caminho de retorno, Rafael quebrou o silêncio:

*nova música - CD "Encantamentos" – Caso o leitor se interesse pela composição, acesse o site <http://www.serieastral.com.br> e faça o download da música "Eclipse" no formato mp3 gratuitamente.

– Samantha. Qual a diferença entre fazer o que você fez em uma eclipse ou em uma lua cheia.. digamos.. comum? - perguntou Rafael escolhendo palavras.

– No eclipse, Rafael, as energias da Lua estão mais amplificadas e focalizadas. Seus efeitos são muito mais intensos e os efeitos mais longos.

– Entendi. - pausou. - Obrigado por terem me trazido junto. Me senti muito bem em todos os momentos. - finalizou.

– Não me agradeça. Foi um prazer ter vocês dois hoje comigo. Sempre faço isso sozinha, e confesso, apesar de confiar na espiritualidade, tenho medo de andar no escuro. - disse Samantha sorrindo gostosamente.

Acompanhei-a em risos, afinal, eu também tinha os mesmos receios.

Deixamos Samantha na clínica e nos dirigimos as nossas casas.



Recomeço

Thomas

Fim de semana. Fim de tarde.

O pai de Mirela fazia um pequeno buraco na terra para plantar um novo pé de amoras. Encontrava-se a praticamente dez metros do local no qual ocorrera o incêndio.

Neste “vai e vem” entre o local de plantio, até onde armazenava seus produtos e ferramentas, interferi em um de seus músculos, fazendo-o derrubar uma pequena tesoura sobre um monte de cinzas; ouviu um som metálico quando esta veio ao chão.

Sabendo que ali só existia cinzas, sendo impossível ouvir o som de metal batendo um no outro, ficou curioso. Abaixou-se para pegar a tesoura e, abaixo dela, encontrou uma navalha com pequenas manchas.

Surpreso, analisou atentamente o achado, imaginando a quem aquela navalha poderia pertencer, viu-a manchada de sangue.

Projetei neste instante em sua mente, a imagem de seu filho e do acidente. Somente esta ação foi suficiente para que ele associasse as cinzas e o sangue encontrado com o seu filho.

Parei de implantar ideias quando tive certeza que investigaria a lâmina. Tanto, que absorto, nem reparou quando a tesoura voltou a cair pela segunda vez sem a minha interferência agora de seu bolso.

Entrou em casa informando a sua esposa o achado.

Com certeza a verdade surgiria com o tempo.

Rafael

– Samantha. Aconteceu desse jeito: Deitei, relaxei utilizando a técnica da pena e, em pouco tempo senti que

estava completamente relaxado. Sabia que não conseguiria relaxar mais que já estava, senti até mesmo o “formigar” que te falei da outra vez, nas pernas e nos braços... - contei eufórico.

– Muito bom e depois?

– Depois energizei meus Chakras por uns quinze minutos mais ou menos. Como você disse que após esse tempo dificilmente eu conseguiria sair, tentei a técnica da corda, achei ela mais consistente...

– E?

– E foi super engraçado. Vi meu quarto do jeito de sempre, mas as cores haviam mudado. Tons de vermelho em todo o ambiente, como se a realidade no astral fosse um pouco diferente da que estamos acostumados a ver...

– Então você conseguiu finalmente?

– Sim. Mas fiquei tão empolgado que perdi a concentração necessária. Voltei ao corpo rapidamente. Sinceramente? Acho que sai no máximo por um segundo. - respondi agora entristecido.

Sabrina sorriu.

– Não se preocupe. Com o tempo ficará mais tempo do lado de lá... - pausou. - Sabe? É como estar equilibrado na ponta de uma pirâmide: Se você avança deste ponto você perde a consciência e dorme, se volta para trás acorda. Conseguirá esse equilíbrio apenas se exercitando. Entendeu?

– Como você sabe de tantos detalhes se nunca conseguiu fazer?

– Ahh... Cansei de ler relatos de pessoas que fazem.

Parei pensativo por alguns instantes e, por não ter mais dúvidas, agradei mudando de assunto:

– Obrigado Samantha pela paciência que tem comigo, mas estou também curioso com uma outra coisa: Como foi o seu encontro com o Estênio?

– Bom e ruim. Bom porque a comida era cara e muito boa. Claro ele pagou. - sorriu. - Ruim porque de cada dez palavras que saiam de sua boca, cinco era o nome da “outra”. Acho que ele não está preparado para um novo romance. - falou tristonha. - Além do que, já enjoiei de ouvir o nome “Natália” ecoando em meus ouvidos. Deixa quieto! - finalizou.

Depois de trocarmos mais algumas palavras, despedi-me de Samantha.

Sai naquele momento a procura de Sabrina, desejoso por contar-lhe as novidades sobre as “minhas andanças no astral”.

Sabrina

Rafael me contou assim que soube que Mirela havia acordado de seu coma e fez uma visita a ela acompanhado por seus pais. No seu retorno, levando-os para casa, conversou sobre o meu passado, do problema e da solução.

Ficamos felizes em perceber que a conversa que Rafael teve com os seus pais atingiu o resultado esperado: Depois de poucos dias, após Mirela receber alta hospitalar, tivemos o prazer de recebê-la na clínica.

De posse a toda a experiência acumulada pela equipe de tratamento, tanto médica quanto astral, com certeza em pouco tempo ela estaria livre da dependência pronta para uma nova vida.

Como fazia parte de nossos serviços, eu e Rafael recebemos Mirela, com a diferença que nesta recepção, o encontro fora coroado por abraços e muito bom humor, ao contrário das demais pacientes que, normalmente chegam emburradas, em crise, trazidas praticamente a força para o tratamento.

Apresentamos a clínica a nova paciente. E, depois de ajeitar Mirela em seu quarto, sai encontrando-me com Áurea logo no corredor.

Tomando um pouco de distância do quarto da nova paciente a diretora perguntou:

– Li na ficha que a paciente se chama Mirela. Como não é um nome muito comum eu fiquei pensando... por acaso é a mesma Mirela? Aquela moça que vocês me contaram no refeitório que o irmão cometeu suicídio e achou que a culpa fosse dela?

– Sim. Exatamente. O problema dela com o irmão já foi resolvido. Agora só sobrou o vício. E como a senhora sabe, para resolver estas questões esta é a melhor clínica do país.

—

FIM



Esta Edição:

2 – Suicidas

Próxima:

3 – Amor e Obsessão

Publicação Trimestral

Consulte seu Jornaleiro

Números atrasados:

Entre em contato com a editora e receba, de acordo com a forma de envio desejada, exemplares impressos atrasados ou próximos na comodidade de seu lar.